

ARTÍCULOS

LADISLAU, CAPATAZ DO FAZENDEIRO MOR DR. GUIMARÃES

LADISLAU, FOREMAN OF THE
GREATEST FARMER DR. GUIMARÃES

Maryllu de Oliveira Caixeta

Investigadora Independiente

Licenciada em Português por la Universidade Federal de Uberlândia (2005). Doctorado en Teoría de la Literatura por la Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho, UNESP (2013). Hizo una investigación posdoctoral en la Universidade de São Paulo, con el proyecto “A ficção do nome do autor em Tutaméia de Guimarães Rosa”, auspiciado por la Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Contacto: maryllucaixeta007@gmail.com

ORCID: [0000-0002-9372-5750](https://orcid.org/0000-0002-9372-5750)

RESUMEN

PALABRAS CLAVE

Tutaméia
João Guimarães Rosa
Regionalismo amazônico
Modelo genealógico
Literatura brasileira

No Tutaméia: terceiras estórias, estudo a recorrência do chefe de vaqueiros Ladislau, em contos que assinalam a moldura do livro, no índice de leitura. Especialmente em um deles, “Intruge-se”, que pertence também a um grupo de contos críticos à função integradora do nome de João Guimarães Rosa, na história da literatura brasileira. Ao lado de considerações sobre a função do Rosa regional-universal, também destaco a repetição, em certos contos do livro, do personagem Ladislau, cujo nome estudo desdobrando-o em significantes que evocam: o nome do regionalista amazônico Alfredo Ladislau; São Ladislau; e o nome sugerido pelo pai de Rosa, quando recém nascido. A partir do conto “Intruge-se”, desdubro alguns significantes, para estudar a indeterminação que Rosa produz, quando usa o protagonista tio Ladislau, para intervir no modelo genealógico ocidentalizante, pressuposto na evolução da história da literatura brasileira, na qual o autor assume a função canônica de síntese transcendental da tradição regionalista a tendências modernas, amparadas pelas conquistas modernistas.

ABSTRACT

KEYWORDS

Tutaméia
João Guimarães Rosa
Amazonic regionalism
Genealogical model
Brazilian literature

In Tutaméia: terceiras estórias, I study the recurrence of the cowboy leader Ladislau, in the stories that mark the frame of the book, in the reading index. Especially in one of them, “Intruge-se”, which also belongs to a group of critical short stories regarding the integrating role of João Guimarães Rosa’s name, in the history of Brazilian literature. Along with considerations about the role of the regional-universal author, I also highlight the repetition, in certain short stories of the book, of the character Ladislau, whose name I study unfolding into signifiers that evoke: the name of the Amazonian regionalist Alfredo Ladislau; San Ladislau; and the name suggested by João Guimarães Rosa’s father, when he was a newborn. Starting from the story “Intruge-se”, I unfold some signifiers to study the indeterminacy produced by the author, when he uses the protagonist uncle Ladislau, to intervene in the westernizing genealogical model, presupposed in the evolution of the history of Brazilian literature, in the one in which the author assumes the canonical function of transcendental synthesis of the regionalist tradition to modern currents, supported by modernist achievements.

Fecha de envío: 30/10/20

Fecha de aceptación: 15/05/21

-Tem-se de redigir um abreviado de tudo.
“Sobre a escova e a dúvida”, *Tutaméia*

A moldura do pequeno abreviado de tudo, e o nome do autor moderno

Gostaria de propor uma reflexão sobre um dos contos de um livro muito inventivo de João Guimarães Rosa, o *Tutaméia: terceiras estórias* [1967]. Mais do que apenas pertencer a esse livro, esse conto tem uma posição significativa na concepção geral dele, desenhada e esquematizada no índice de leituras, e em alguns outros paratextos (Cf. Andrade, 2004). Nesse curioso índice de leitura, o primeiro título começa com a letra *A* (“*Aletria e hermenêutica*”) e os títulos vão se sucedendo em ordem alfabética até chegar a vez do título iniciado pela letra *Z* (“*Zingaresca*”). Entre as várias particularidades desse índice, destaco aquela que Suzi Sperber (1976: 49) observou, no seu *Caos e cosmos*: as iniciais do nome do autor, JGR, formam uma seqüência com um sentido próprio que interrompe a lógica da ordenação alfabética dos títulos. Essa ordem do índice exhibe com humor um modelo de racionalidade semelhante ao do projeto enciclopédico clássico, de esclarecimento dos leitores por uma catalogação da totalidade das formas de ser das coisas (escritas de “*A*” a “*Z*”), cuja ordenação fundamental, oferecida nos conteúdos do livro, constitui um regime de acréscimos progressivos. Mas basta chegar a vez da primeira letra do nome do autor moderno, para essa ordenação perturbar-se, e manter-se enigmática por alguns títulos, antes de retomar a seqüência alfabética, seguindo-a até terminar em “*Z*”. Quando chega a vez da letra “*G*” de Guimarães, começa certa desordem, e antes dela terminar, alguns títulos depois, encontramos o conto “*Intruge-se*”, sobre o qual gostaria de dizer algumas coisas, colocando-o em relação com outras partes de *Tutaméia*, que também definem o nome do autor. A brincadeira do índice parece-me sugerir que o nome do autor tem um sentido deslocado em relação a uma ordem de sentido maior, mais ampla, da qual participa, nela intervindo.

A totalidade aberta e material da escrita, repartida em unidades, letras do alfabeto romano, foi destinada pela língua materna ao autor, que além de pertencer a ela sendo seu falante, também pertence à literatura brasileira. O índice de leitura já mostra tratar-se de um tipo de intervenção, que destaca a materialidade dessas combinatórias de letras, a opacidade ou a não transparência da linguagem, os pressupostos em questão, a historicidade dessa escrita, e do nome de seu autor. Ao identificar seu nome à desordenação da ordem alfabética, o autor parece-me assinalar seu

distanciamento quanto ao modelo enciclopédico de racionalismo que, na literatura do regionalismo naturalista, teve expressão positivista e determinista.¹ Além do índice, também parece-me muito significativa, na concepção do livro, a capa assinada por Napoleon Potyguara Lazzarotto, cujos desenhos figuram uma pequena cosmologia sertaneja, estilizando motivos desenvolvidos nos contos. Indicativa do reiterado neoplatonismo de Guimarães Rosa, a figura metafísica dessa pequena cosmologia reforça sua opção por ficcionalizar esse modelo de pensamento tangente, externo e crítico, ao tipo de racionalismo pressuposto na literatura naturalista, nacionalizada como expressão do regional. Em sua ficção de metafísica, as ações narradas e os personagens parecem-me atados à transcendência de algumas palavras, em especial nomes próprios, que vão exibindo sua espessura alegórica, quando verticalizo o estudo, observando de perto a materialidade dos sons e suas evocações.

Em “Intruge-se”, destaco palavras que me parecem alegorizar a tendência positivista/ordeira/finalista/empírica, e também determinista/racialista da literatura brasileira regional, cuja maior ressonância universal obteve Euclides da Cunha, ao escrever sobre conflitos e desafios colocados pelo Norte, no episódio de Canudos narrado n’*Os sertões* [1902]. Além desse livro célebre, Euclides da Cunha também escreveu ensaios sobre a região Amazônica, por volta de 1904 a 1907, bem menos conhecidos, mas de grande significado para a história da região sul-americana (Cf. Hardman, 2002: 83-84). Quanto ao conto de *Tutaméia*, protagonizado pelo capataz Ladislau, parece-me evocar outro nome de autor dedicado ao Norte e que, embora nos anos de 1920-1930 tivesse obtido reconhecimento, depois veio a perder importância, na história da literatura brasileira. Refiro-me a Alfredo Ladislau, cujo nome parece ter sofrido efeitos de apagamento, na história da literatura regionalista, ela mesma tornada secundária, quando foi definida, nos anos de 1940, como uma tendência anacrônica.² Refiro-me a apagamentos

¹ Sobre a crítica do racionalismo na ficção de Dr. Guimarães, conferir o ensaio “Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa”, de João Adolfo Hansen (2012).

² Encontro referências a algumas edições do *Terra imatura*, cujo texto introdutório já havia sido escrito em 1921 quando foi publicado em 1923 pela J. B dos Santos & Cia. Foi reeditado em 1925 pela Livraria Clássica, e em 1933 pela Civilização Brasileira. Dos anos 40 aos 60, período de lançamento da obra de Guimarães Rosa pela José Olympio, não sei se *Terra imatura* foi reeditado. Tenho notícia de reedições impressas depois: em 1971, pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará; em 1983, pela Civilização Brasileira; em 2008 e em 2009, pela Valer. Some-se a isso, o fato de *Terra imatura*, revista do modernismo paraense, publicada no final do entreguerras, ter encerrado suas publicações por dificuldades financeiras, em 1942, o que se contrasta à visibilidade nacional de membros do *Grupo dos Novos*, identificados ao estilo do modernismo do Sul (Cf. Coelho, 2003: 51-85). A propósito da constituição do anacronismo regionalista *a posteriori*, pelos críticos modernistas, conferir a pesquisa de Denise Mallmann Vallerius (2010).

como o fato do *Terra imatura* [1923], de Alfredo Ladislau, ter ficado brevemente registrado, na história da literatura brasileira, como uma síntese tardia, anacrônica, do estilo dos principais autores do regionalismo amazônico: Euclides da Cunha, e o já recalcitrante Alberto Rangel (Cf. Coutinho, 1986: 313-398).³ Esse parecer crítico foi dado por Afrânio Coutinho, no *A literatura no Brasil* [1955], mais especificamente no capítulo dedicado a uma “Era de transição” para o modernismo, e pressupunha que o regionalismo amazônico já estava esgotado nos anos de 1920, quando Ladislau publicou seu livro. A posição de Coutinho sobre o anacronismo de Alfredo Ladislau parece-me intrigante, não apenas por ter sido produzida *a posteriori*, como também por ter desconsiderado o sucesso significativo do *Terra imatura*, e o manifesto interesse mundial pelas questões amazônicas, naqueles anos. O êxito do livro de Alfredo Ladislau, nos anos de 1920, foi reforçado pelo fato de ter sido lançado um ano antes de um *best seller* mundial, de um autor afim: o romance *La vorágine* [1924], do diplomata José Eustasio Rivera, talvez o livro regionalista amazônico de maior repercussão da literatura latino-americana do século XX (Cf. Foot Hardman, 2007: 142). *Terra imatura* caracteriza a vida na floresta, em um estilo semelhante ao dos sonetos desse famoso autor, em *Tierra de promisión* [1921], e também coincidem no parecer sobre uma Amazônia estacionada, em seu estágio de terra prometida embargada, em perene estado infantil.

Em suma, ao evocar esse nome de autor, ao que parece mantido fora das políticas editoriais por décadas, Guimarães Rosa postulava o retorno do foco à literatura regional amazônica, que o historiador da literatura brasileira afirmou já ter dado sinais de esgotamento, nos anos de 1920, com Alfredo Ladislau. Guimarães Rosa sugeriu ser o Norte o ponto de partida de uma travessia continuada, e guiada pelo capataz Ladislau, figurando-a no conto “Intruge-se”, e na própria concepção do *Tutaméia* como livro.

“Intruge-se” pertence a esse conjunto de contos, que interferem na ordem alfabética e enciclopédica do índice, sinalizando o gesto de intervenção de Rosa, no racionalismo determinista e positivista, do regionalismo naturalista. Parece-me que, particularmente, Rosa intervém em pressupostos genealógicos ocidentalizantes que, radicados nesse tipo de racionalismo, têm longa sobrevida entre nós. O conto narra o pastoreio de uma comitiva de vaqueiros guiada por Ladislau, sob a ordem de Drães, reencenando o famoso mote rosiano da travessia, que os críticos teorizaram, desde a publicação de *Sagarana*, como uma ultrapassagem das

³ A partir dos anos de 1940, à região Norte pertencem Estados brasileiros que ocupam grande parte da área nacional da Floresta Amazônica.

limitações do regionalismo. Referiram-se, desde o início, ao fato de Rosa ter transcendido critérios regionalistas limitantes, pelo adensamento da matéria regional (Cf. Candido, 1983: 245), e às transfigurações que tomam figuras regionalistas de um mundo bárbaro, e as transportam às figuras requintadas da representação estética universal (Cf. Lins, 1983: 239). “Intruge-se” é um dos contos de viagem dos quais Ladislau participa, tratando-se também de uma viagem que vem do Norte, e que atravessa algumas narrações compiladas nesse livro. Trata-se de uma espécie de estória de detetive, na qual a solução de um crime, conduzida pelo protagonista Ladislau, é uma questão de favas contadas, mostrando-se determinada de antemão, pelo lugar social dos personagens. Ou seja, o único personagem sobre o qual caberia recair alguma suspeita, de fato acaba sendo responsabilizado e punido. Parece-me estranho que o final desse conto confirme a má fama do incriminado, pois isso destoaria da tendência do livro a desfechos surpreendentes e artificiosos.

No último conto do *Tutaméia*, “Zingaresca”, somos informados de que a comitiva, comandada por Ladislau, vem vindo com a boiada do Norte. No final do conto e do livro, essa viagem de vinda continua, ao som do berrante, do vaqueiro Serafim. Parece-me tratar-se de uma alegoria. Nela, “Norte” não funciona exatamente como pura designação de um território no mapa, mas como uma coordenada bastante elástica e alegórica, que remete a representações letradas sobre o sertão, na literatura regionalista, de pendor naturalista. Como se sabe, os críticos dão como marco inicial do regionalismo o prefácio do romance setentrional, *O cabeleira* [1876], em que Franklin Távora dividiu a literatura brasileira entre dois irmãos: o “Norte” de poetas invisibilizados, e o “Sul” de romancistas célebres (ironicamente, incluindo o cearense Alencar). Nesse prefácio, dedicou várias linhas à Amazônia, e a seu desejo de ver erguer-se na floresta uma civilização de cidades, agricultura e fábricas, pois lhe parecia necessário descer, das eminentes contemplações alencarianas, às planícies positivistas do pensamento do Norte (Cf. Távora, 1988: 10). Por oposição aos estilos fantasiosos do Sul, a seu ver falseados por aderirem a modelos estrangeiros, Távora definiu o Norte como a região dos autênticos modos nacionais de ser e de pensar. Já nas *Cartas a Cincinnati* [1871-1872], como alternativa à observação de índios supostamente degradados, tinha recomendado aos romancistas o estudo do folclore do Norte, em vez de idealizações edificantes, como as improvisadas por Alencar, a partir de dicionários espúrios (Cf. Távora, 1872: 152). Discursos como o de Távora, de valorização do Norte e dos estudos do folclore, se encaixavam em esquemas genealógicos, que divisavam a depuração da cultura, por meio da apropriação, pelas raças superiores, das qualidades de adaptação climática, das raças inferiores. Guimarães Rosa, no *Tutaméia*, alegoriza uma

viagem que continua vindo do Norte, e intervém nessa tradição das representações letradas sobre o sertão, quando destaca a vigência de pressupostos como os de Távora. Encerra o livro ao sopro do chifre/berrante do vaqueiro Serafim, sugerindo tratar-se de uma viagem conduzida pela materialidade dos sons, com fins de transcender platitudes positivistas. Parece-me interessante que em 1967, quando publicou *Tutaméia*, Guimarães Rosa destacasse a continuidade dessa viagem de vinda do Norte, o que contrariava os juízos sobre o anacronismo da literatura regionalista, e sugeria a vigência de um racionalismo positivista, votado a extermínios tidos como inevitáveis, como ação civilizatória.

Procurarei sugerir que essa viagem –por ser conduzida por Ladislau, cujo nome parece-me significativo na história do regionalismo– evoca também os discursos genealógicos dos estados nacionais, do século XIX, constitutivos da auto-identificação de alguns sujeitos à marcha da História Ocidental, por contraste com suas definições de um outro cultural anacrônico, situado à margem da história (Cf. Mbembe, 2015: 371-372). Quando esses discursos evocavam a recorrente divisão do mundo em duas partes, uma Ocidental e a outra Oriental, não estavam apenas nomeando espaços geográficos, por vezes sendo até bem imprecisos a esse respeito. Mais exatamente, consistiam em estratégias retóricas com efeitos de territorialização, semelhantes às que dividiram os dois mundos brasileiros, e suas respectivas literaturas: uma sobre o litoral e a outra sobre o sertão, ou o Norte (Cf. Antelo, 2017).

Quando a literatura brasileira nacionalizada de expressão regional surgiu, no século XIX, estavam na ordem do dia os discursos sobre as genealogias dos estados nacionais, fundados em avaliações polarizadas sobre o Ocidente e o Oriente. Cada um dos estados-nação nascentes, na Europa e na América, constituíam seus discursos de unidade nacional, que conferiam identidade ao espírito de seu povo. Uma nação identificava-se postulando sua genealogia, não apenas étnica, como também lingüística, mitológica, simbólica de modo geral, a que se recorria em especulações sobre as possibilidades de uma cultura vigorar, ou não. Nesse momento, constituíram-se grandes traçados genealógicos, discutindo-se muito sobre o destino do Ocidente, a partir da hipótese da antiga origem da tendência indo-europeia à soberania, devida ao contato dos indo-europeus com um antiquíssimo centro da civilização estabelecido no Oriente, nas margens do Oceano Índico (Cf. Matos, 2002: 221-222). O interesse do século XIX pelo Oriente dizia respeito a seu lugar ancestral de civilização antiquíssima, considerada determinante na constituição do berço antigo da civilização europeia. Claro que nessa operação retórica, de estabelecimento de uma genealogia para os centros da civilização europeia, se descuidavam completamente a diversidade e a especificidade dos povos orientais,

enquanto se disseminava bastante um interesse duradouro pelo exotismo dos estereótipos orientalistas. Destaco que, nesse esquema, o mais antigo ou o primeiro civilizado (com seus navegantes, domesticadores de cavalos, comerciantes e letrados) é maior que o segundo, que por sua vez, é superior ao terceiro, e assim decaem sucessivamente.

Parece-me que Guimarães Rosa intervém na literatura regionalista, com recursos de humor e ironia, deslocando e indeterminando o tipo de racionalismo, determinista e positivista, empregado em representações letradas sobre o sertão, como essas genealogias dos antiquíssimos conquistadores fenícios, pais dos indo-europeus. Como se sabe, na literatura regionalista, assim como na antropologia, e nas ciências sociais, encontramos autores que manifestaram grande interesse pela mestiçagem, pensada como processo depurativo da cultura, rumo à emergência da nova raça nacional.⁴ Na literatura regionalista e naturalista, o aperfeiçoamento da cultura (da raça) era uma questão de interesse genealógico. Evocando o nome de Alfredo Ladislau, no conto “Intruge-se”, Guimarães Rosa torna o capataz Ladislau uma metáfora do estilo, metafísico e positivista, com que o *Terra imatura* traça as origens da estagnação nacional, e a solução apontada por um personagem amazonense, de estirpe superior: o poder central deveria apoiar empreendimentos, na região.

A tipificação dos habitantes do sertão/norte, realizada na literatura regionalista de padrão naturalista, replica a retórica europeia de indiferenciação dos orientais. Particularmente, refiro-me às teses metafísico-racialistas de Aiúna, personagem de Alfredo Ladislau (2008, 32-33), no *Terra imatura*. A primeira parte do livro é um diálogo, que data de 1921, em Alenquer. Nele, Aiúna afirma descender de antigos conquistadores fenícios, tendo sido essa uma das raças civilizadas obrigadas a recuar, ante a indomável natureza pré-adâmica, e a resistência dos indígenas à miscigenação com as raças superiores. Defendia a integração da região amazônica ao poder central, invocando como prerrogativa sua ascendência fenícia. Por um longo período, teses semelhantes causaram enorme entusiasmo mundial. O naturalista Haeckel já tinha levantado a hipótese de que a civilização europeia tivesse nascido nas margens do Oceano Índico, uma região de confluência de antigas

⁴ No artigo “Canaã: o horizonte racial”, José Paulo Paes (Cf. 1991) estudou, entre outras coisas, o modo como o romance de Graça Aranha participa de toda uma longa tendência, marcante na geração de 1870, a se incorrer em determinismos culturais, geográficos, e raciais. Segundo demonstrou, essa tendência manteve-se até o modernismo dos anos de 1920. Como Paes (1991, p.165), Daniel Faria (Cf. 2013) também assinalou o fato de que, em todo esse período, perdurou uma indistinção entre cultura e raça, considerando-se ambas determinantes do estágio (inferior ou superior) de cada povo, em um caminho que vai das culturas rústicas até as civilizações avançadas.

culturas indo-europeias e orientais, como a dos fenícios (Cf. Pereira: 2001, 253 *apud* Matos: 2002, 224).

Destaco o fato de Aiúna vincular a região amazônica ao Oriente, ou a entradas orientais, abertas por conquistadores antiquíssimos (Cf. Ladislau, 2008: 33). Aiúna declara ter ascendência fenícia, letrada, antiga, e superior à dos povos ibéricos, que colonizaram quase toda a América Latina. Segundo ele, antiquíssimos conquistadores fenícios, assim como os cartagineses, os egípcios e os helenos, acabaram tornando-se raças destroçadas e refugiadas, na Amazônia, por não terem conseguido miscigenar com os indígenas. Além disso, parecia-lhe que as raças remanescentes desses antiquíssimos conquistadores conservaram sua superioridade, ao contrário de exploradores tardios, como os medrosos latinos ibéricos, descendentes remotos dos fenícios. Supunha que o convívio e a miscigenação dos indígenas com os ibéricos devia-se à inferioridade dessa raça, parecendo-lhe ser essa a razão tanto da fragilidade moral e física dos povos amazônicos, como do retardo prolongadíssimo na evolução brasileira. Segundo o diagnóstico metafísico-racialista de Aiúna, a eterna estagnação das raças nacionais devia-se à ascendência ibérica, por parecer-lhe não oferecer empuxo civilizacional suficiente, ainda mais quando mal aclimatadas, na indomável região amazônica. Aiúna dialogava com Arianda, que recusava seu pessimismo, defendendo ver no sertanejo qualidades aproveitáveis, na exploração da região, e na aclimação das raças civilizadas, cujos empreendimentos deveriam ser bem conduzidos, por novas políticas de integração do Norte ao poder central, situado no Sul.

O *Terra imatura*, de Alfredo Ladislau, apresenta algumas dessas teses de divisão do país em duas partes, e oferece uma explicação genealógica para o retardo evolutivo nacional, que culpa a imaginação metafísica infantil das raças inferiores (incluindo nelas os povos ibéricos), e o descaso do poder central com projetos empreendedores/civilizatórios, na região amazônica, onde gente superior como Aiúna e Arianda poderia executá-los. Um dos capítulos do *Terra imatura*, intitulado “A psicologia dos lagos”, traz uma epígrafe do *A esthetica da vida* [1921], de Graça Aranha, em geral tido como apenas um precursor do modernismo, embora Moraes (1978: 25-26, 35-40) o considere indispensável, no processo de formulação dos conceitos-chave desse movimento, nos anos de 1920. Destaco que, nesse livro, Graça Aranha elaborou uma terapêutica de superação do inconsciente metafísico infantil, das etnias bárbaras nacionais, estagnadas, aquém da civilização (Cf. Paes, 1991: 167). A seu ver, uma raça cósmica evoluída viria a surgir, em um futuro distante, depois da paulatina absorção, por raças imigradas (superiores/civilizadas/adultas), dessas etnias inferiores, paralisadas entre o terror e a estupefação, por sua

imaginação metafísica infantil. O pessimismo schopenhaueriano, pressuposto na filosofia do inconsciente de Eduard von Hartmann, ganha contornos próprios nesse diagnóstico de Graça Aranha, sobre a paralisia nacional, devida à imaginação metafísica latente, atávica, de seus povos infantis, primitivos ou bárbaros (Cf. Paes, 1991: 167). Já se nota no título do *Terra imatura*, de Alfredo Ladislau, a afinidade com Graça Aranha, sendo esse último um defensor da modernidade superior do expressionismo, além de elaborador de uma terapêutica voltada para a cura do inconsciente metafísico das raças nacionais inferiores.⁵ Parece-me que, ao evocar o nome de Alfredo Ladislau, o conto de Guimarães Rosa alude a representações sobre o Norte, tomando-as como ponto de partida, na sua viagem de autor. Intervém no padrão de representação naturalista, usado na literatura regionalista, com ênfase no desfocado regionalismo da região amazônica, um deserto verde. Guimarães Rosa intervém nessa viagem de vinda do Norte, inventando sua ficção de metafísica, que parodia o tipo de racionalismo adotado pelos regionalistas, em atenção à vigência das questões colocadas por esses escritores, cujas saídas “lógicas”/práticas/empíricas/adultas costumam determinar a inevitabilidade de algum tipo de extermínio.

“Intruge-se” é um dos contos de *Tutaméia*, que alegoriza a viagem ou a trajetória de Guimarães Rosa, na história da literatura brasileira. A ação principal é um justicamento, pelo capataz Ladislau, narrado em um estilo que parodia *westerns*, como os filmados naqueles anos, do pós-guerra e da guerra fria. Como se sabe, alguns anos antes da publicação de *Tutaméia*, saiu nos Estados Unidos a primeira tradução do *Grande sertão: veredas*, para a língua inglesa, que viabilizava uma ampla difusão do nome do autor, também na Europa, mediadora universal das instâncias máximas de reconhecimento dos cânones nacionais. Rosa costumava acompanhar de perto a escrita das traduções, mas naquele momento não pôde, o que desencadeou anos difíceis para os tradutores e, como resultado, uma grande simplificação da linguagem e do estilo (Cf. Pisetta, 2020). Além disso, por motivos diversos, a primeira recepção do *The devil to pay in the backlands* tendeu a subvalorizar o livro, tendo em vista o fato do campo norte-americano, de pesquisas de literatura latino-americana, favorecer mais o estudo de obras escritas, nas variantes continentais da língua castelhana, chegando-se a incluir o escritor brasileiro entre os do *boom* (Cf. Perrone, 2003). Boa parte das resenhas publicadas, nos anos de 1960, na América do Norte, tratou o romance como uma imitação ruim de *westerns*

⁵ A respeito da modernidade supostamente superior da arte expressionista, e do pessimismo racialista de Graça Aranha (1925, 30-31) acerca do inconsciente metafísico das etnias nacionais, tidas por ele como inferiores, veja-se sua conferência “O espírito moderno” [1924].

como os de John Ford, mas nas décadas posteriores houve um aumento no interesse pelo escritor, e na divulgação de sua importância (Cf. Perrone, 2003: 90). Destaco essa tendência dos centros norte-americanos, partilhada com a dos centros brasileiros, à indiferenciação: das coordenadas espaço-temporais das terras de trás do “litoral”, do Norte/sertão/Oriente/América do Sul; da historicidade das representações letradas sobre o sertão; de marcas no estilo, que indeterminam as representações letradas sobre o sertão (recurso tido, por alguns críticos, como excesso metalingüístico/formalismo). Parece-me ainda que, na perspectiva dos leitores estadunidenses, talvez no romance sobrassem “índios”/bárbaros, habitantes das terras de trás do litoral, da Amazônia, e faltasse um mocinho em quem se reconhecessem.

Si vis pacem, para bellum

Guimarães Rosa escreve o título do conto “Intruge-se” com o “g” do próprio nome e não, conforme registra o dicionário, com “j” de “intrujir”, sinônimo de compreender, de enganar, e de negociar ante coisas furtadas. A José Olympio lançou uma edição muito cuidadosa do livro e essa troca de “j” por “g” não me parece um equívoco gráfico, uma gralha que teria passado despercebida à equipe de revisão. Ficou famosa a posição proverbial do caudilho Riobaldo, para quem “pão ou pães é questão de opiniões”, mas via de regra nos sujeita quanto Deus mandar a ordem gramatical, resultante de combinatórias do alfabeto romano, cuja operacionalidade por permutas de vinte e poucas letras foi herança fenícia, oriental, passada aos indo-europeus. Guimarães Rosa aproveita com muito humor os efeitos materiais dessas permutas, plantando incertezas e não-sensos pontuais, que promovem um atrito de retóricas constitutivas das representações letradas sobre o sertão. Parece-me que o tipo de transfiguração, realizada por Guimarães Rosa, ata-se à materialidade de sons, tramados em campos semânticos super-assinalados, para garantir o efeito explosivo de suas metamorfoses, como quando uma figura deflagra o *insight* de outra, por vezes oposta e complementar.

Como os demais contos de *Tutaméia*, “Intruge-se” tem muita graça, e uma anedota enigmática, como as da esfinge. Só que esse conto curto difere dos demais, porque nele acontece estritamente o esperado quanto à significação social dos personagens, e o final resulta intrigante, por escamotear uma solução consensual para o conflito. Como observa Clara Rowland (2011: 51-55), a propósito do episódio de Faustino em *Grande sertão: veredas*, há alguns finais na ficção de Rosa que, não fechando a intriga, muitas vezes por encaminharem os personagens a destinos exasperantes, quanto ao significado da narração, se opõem ao formato do desenlace clássico, e expõem os artifícios do livro, da encenação. O conto

parece uma narração clássica sobre a investigação de um crime, em que o narrador não participante observa os acontecimentos, da perspectiva do protagonista Ladislau. Mas o previsível se cumpre, quando o veredicto condena o único vaqueiro da comitiva com antecedentes meio suspeitos, conforme se vê cunhado em seu apelido “Piorra”, regionalismo que significa desordem. Pernoitavam no pasto fechado do Provedio, quando o migrante do Norte, cegado de um olho, chamado Liocádio, acaba condenado pelo assassinato de um dos vaqueiros. Sem quaisquer provas, a comitiva veio a acatar a condenação de Liocádio, o Piorra, depois do veredicto do velho e célebre vaqueiro Rigriz. Liocádio caiu, baleado por Ladislau, porque sacou a faca “à fura-bucho”, quando reagiu à insistência do capataz em sondá-lo. Acabou assassinado e incriminado, o que tornou possível a Ladislau prestar contas de uma viagem bem sucedida ao patrão, Seo Drães. Um tanto hesitante, o vaqueiro Rigriz deu o veredicto, “disse, que viu, que piscou”, e os demais acataram. Vejamos o trecho que narra o assassinato de Liocádio por Ladislau, e o veredicto de Rigriz.

Mas Ladislau num revira-vaca, no meio do movimento, em figado lhe desfechou encostadamente a *parabellum* de doze balas, boa arma! Espichado o ferrabruto amassou moita de mentrasto, caiu como vítima. Rigriz disse, que viu, que piscou: - “*Remexam nos dobros dele, que o assassino ele era, por algum trato ou furto!*”

Tal assim.

Todos se benzeram. (ROSA, 1979: 73)

Vendo-se atacado por Liocádio, Ladislau desfecha nele a *parabellum*, metáfora da imposição armada de uma ordem hegemônica, de uma “paz” armada como a que prevaleceu em todo o século XX e continua, cada vez mais danosa, pelo XXI.⁶ Como se vê, a narração estiliza a cena do conflito armado, ao modo dos *westerns*, aproximando-se nesse momento da perspectiva de Ladislau, com sua *parabellum* de doze balas, que usa para guiar a comitiva de onze vaqueiros.⁷ “Onze homens tangiam-nos [os duzentos e cinquenta bois], entre esses o vaqueiro Rigriz, célebre, e o Piorra [Liocádio], filho de longe, do Norte, cegado de um olho.” (ROSA, 1979: 70) [chaves minhas] No rascunho de *Tutaméia*, essa citação pertence

⁶ Muito usada na Primeira Guerra, o nome dessa arma alemã vem da conhecida máxima do Império Romano “se queres paz, prepara-te para a guerra” (*si vis pacem, para bellum*). Apesar do destaque merecido pelas duas Grandes Guerras, houve um padrão de intervenção mais discreto, nos períodos de “paz” armada, que se repetiu durante todo o século XX.

⁷ Vou listar os nomes da comitiva de onze vaqueiros, guiados por Ladislau: 1. Rigriz; 2. Piorra/Liocádio; 3. Quio (o assassinado de madrugada); 4. Tiotinho; 5. Queleno; 6. Joãozão; 7. Amazono; 8. Zequiabo; 9. Antônio Bá; 10. Zegeraldo; 11. Seiscêncio.

à parte final que, de tão riscada, foi inteiramente reescrita por Guimarães Rosa.

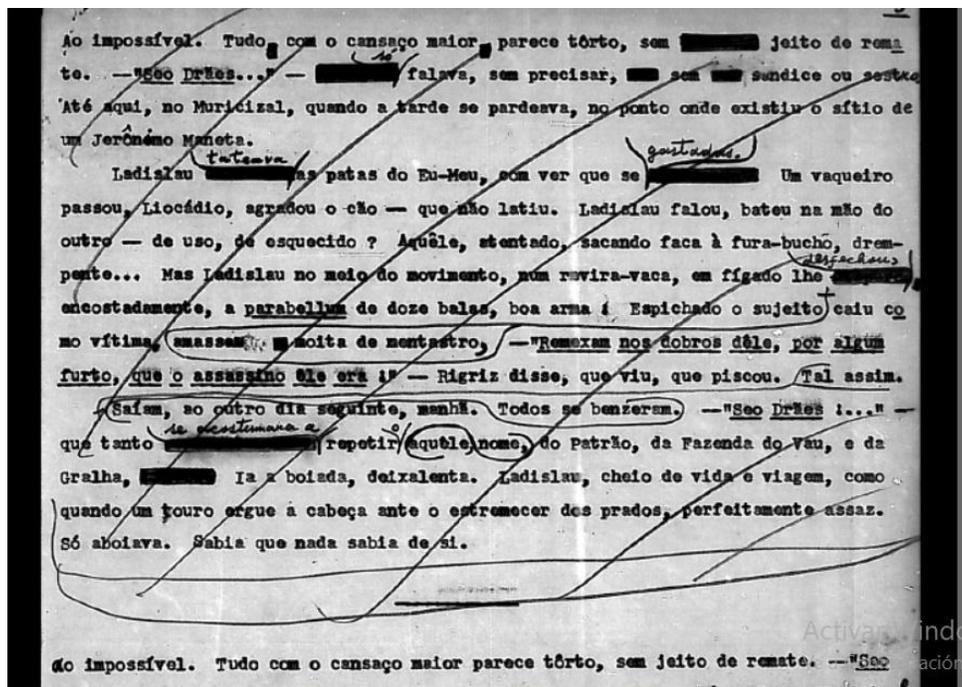


Figura 1. Rosa, João Guimarães. *Intruge-se*. Datiloscrito/Manuscrito, 1966, Museu Guimarães Rosa, Coleção William Agel de Mello, Código de inventário MCGR 009/0295.

Transcrevo abaixo três pequenos trechos do rascunho riscado, que sofreram modificações, a meu ver significativas. Destaquei as partes que o autor depois veio a modificar, antes de publicar o texto.

1. “Liocádio, agradou o cão – que não latiu”;
2. “Espichado o sujeito caiu como vítima, amassou moita de mentrasto”;
3. Para preservar as rasuras do trecho seguinte, apresento a transcrição que fiz, usando recursos de tratamento de imagem. Cito:

- **“Seo Drães! . . .” - [Ladislau] que tanto se acostumava [se acostumara?] a repetir**
aquele nome, do Patrão, da Fazenda do Vau, e da Galha

Figura 2. Imagem de minha transcrição de um trecho do rascunho de “Intruge-se”.
 [chaves minhas]

Nos três trechos que destaquei, aparecem algumas informações, que Guimarães Rosa modificou, antes de publicar o texto. Na edição impressa, pela José Olympio, o escritor acrescentou marcas de incertezas, a respeito do veredicto (a culpa de Liocádio), sobre seu principal pressuposto (a amizade de Liocádio com o cão), e sobre as motivações de Ladislau (completar a viagem com êxito, entregar a boiada em segurança, e garantir a compra da Gralha).

No rascunho, tanto na parte riscada como na reescrita, lemos que o cão não latiu, quando Liocádio passou e fez nele um agrado. A informação segura, a respeito do cão não ter latido, respalda o veredicto do velho e célebre Rigriz sobre a culpa de Liocádio, e sobre a familiaridade entre o criminoso e o cão de guarda, que também não tinha latido, no momento do assassinato investigado. Logo depois de Liocádio agradecer o cão silente, o conflito latente emerge em um confronto armado, e Ladislau parte para o justicamento com sua *parabellum*. Se houvesse certeza sobre o cão não ter latido, quase não teríamos por que duvidar do veredicto do sensato velho Rigriz, com base no indício significativo da afinidade entre Liocádio e o cão de guarda, provável motivo do silêncio do animal, durante o assassinato criminoso, na calada da noite.

Já no trecho publicado do conto, tal como o leio nas edições de *Tutaméia* que consulto, a 5ª e a 2ª pela José Olympio, Guimarães Rosa preferiu assinalar, para o leitor, que ao dar seu veredicto Rigriz apóia-se numa informação incerta, sobre o latido do cão, e ainda pisca. “Um vaqueiro passou, Liocádio, agradou o cão – que latiu ou não latiu, não se ouviu.” (Rosa, 1979: 73) Se não há certeza de que o cão não late para Liocádio, se desfaz o principal indício de sua culpa. Aqui, Guimarães Rosa destaca também a impassibilidade auditiva do grupo, e a suficiência das afirmações de Rigriz, segundo o qual Liocádio era o culpado por qualquer motivo indeterminado, por trato ou furto. “Tal assim.” O veredicto incerto resolveu o caso, e parece-me que Guimarães Rosa decidiu acrescentar, gradualmente, marcas de incertezas, combinadas à suficiência dos pareceres de Rigriz, e das resoluções de Ladislau.

Agora vejamos o trecho 2, da parte riscada no rascunho: “Espichado o sujeito caiu como vítima, amassou moita de mentrasto”. Isso aparece reescrito, no próprio rascunho, e na minha edição, do seguinte modo: “Espichado o ferrabruto amassou moita de mentrasto, caiu como vítima.” (Rosa, 1979: 73) Além de ter invertido a ordem dos predicados, Guimarães Rosa também substituiu “sujeito” por “ferrabruto” (“ferrado” + “bruto”). Ao riscar “sujeito”, e reforçar a nulidade do “ferrabruto” Liocádio, Guimarães Rosa decidiu enfatizar a imagem negativa de Ladislau na comitiva. Quanto ao cão Eu-Meu, comporta-se como uma versão antropomorfizada

de Ladislau, pois ambos mantêm uma atitude de sujeito e objeto, ou seja, em boa medida ignoram a comitiva, a não ser como objeto de seu pastoreio, ou seja, ambos estão completamente possuídos pela incumbência que possuem, de atravessar o Norte com o gado em segurança.

Para terminar o estudo dos 3 trechos do arquivo, que citei a pouco, parece-me que o terceiro destaca muito a fixação de Ladislau quanto à compra da Gralha, por Seo Drães. A princípio, na parte mais riscada do texto guardado no arquivo, Guimarães Rosa tinha rasurado algo, parece-me que a palavra “talvez”, posicionada após o nome dessa fazenda. Mas já na parte reescrita do rascunho, e no texto publicado, preferiu manter o “talvez”, que torna incerta a compra da Gralha, ideia fixa de Ladislau, responsável pelo êxito da viagem. Parece-me que entregar a boiada, em segurança, podia ser decisivo nessa aquisição. Até então, Seo Drães era o dono da Fazenda-do-Vau. A grande propriedade de Seo Drães é nomeada pelo substantivo masculino “Vau”, que designa uma elevação da terra, dentro do rio ou do mar; uma passagem mais rasa, onde se pode atravessar, a pé ou a cavalo. A essa fazenda, talvez se some a posse de outra, a “Gralha”, cujo nome coincide com a rubrica das artes gráficas, que indica erro tipográfico. Em *Tutaméia*, Guimarães Rosa a tal ponto insiste no valor do erro, que chega a identificá-lo às letras de seu nome, no índice do livro, usando permutas do alfabeto para desenhar graficamente sua intervenção, na ordem positivista evocada pelo nome de Ladislau, metonímia do regionalismo naturalista. Os nomes das duas fazendas alegorizam dois estilos de travessia, dois estilos de escrita ficcional. Um deles, metaforiza a passagem pelo chão, por onde dá pé no rio, ainda que variações no nível da água e imprevistos possam tornar alguns passos arriscados, ou mesmo exigir saltos e braçadas. A metáfora do “vau” parece-me figurar o padrão realista de representação, que oferece um fundamento, mesmo se transfigurado, como quando o leitor se transporta da aparência de uma figura (o capataz Ladislau), até a continuidade semântica teorizada na figura (o regionalismo naturalista). No outro modo de atravessar, o da Gralha, vai faltando até o apoio incerto do chão de areia submerso, do vau. A Gralha fura o tecido do texto, expõe o artifício da escrita, que desconcerta com sua mundanidade gráfica o fundamento metafísico da linguagem, como na literatura moderna do século XX, na qual por vezes o erro é coisa positiva, material, significante, permuta de letras, cujas associações transitórias têm efeitos nas enunciações, resultam em discursos, e têm historicidade, o que Guimarães Rosa reiteradamente assinala, em *Tutaméia*. Esse estilo de escrita ficcional, o da Gralha, resulta excessivo para alguns leitores, porque mesmo depois de já terem entendido o fundamental (Ladislau alegoriza o regionalismo naturalista), precisam acompanhar a representação desse fundamento deslizando, insistentemente revolvida, esvaziada, indeterminada, e isso para nada. Ou melhor, trata-se de uma

operação *zen*, que transcende razões “horológicas”, como o autor teoriza em várias anedotas, no prefácio “Aletria e hermenêutica”. Para nada porque, embora tenham um teor crítico, parodístico, essas indeterminações nas representações letradas sobre o sertão tangenciam o cânone, não constituem as genealogias simbólicas representativas do estado-nação, nem mesmo assimilam ou integram os aspectos mais construtivos delas, mas os atiram, esvaziando-os.

Ladislau tem seu comportamento duplicado no de seu cão Eu-Meu, um cachorro grande, amarelo, sério, obstinado pela estrada, presença que acordava o dono “a horas certas, sem latir nem rosnar” (Rosa, 1979: 70). Pouco antes do conflito armado, entre Ladislau e Liocádio, Eu-Meu talvez tenha latido, não se ouviu, quando o suspeito o agradou ao passar. O cão guia, primeiro não evitou o crime investigado por Ladislau, não colaborou na investigação, e ainda mostrava impaciência ante as providências pelo luto do assassinado. Essa indiferenciação do outro, por quem o toma estritamente como um veículo de apropriação, está metaforizada em Eu-Meu, e também caracteriza Ladislau, que dispara sua *parabellum* em Liocádio, com a desenvoltura de um herói de *western*. Antes desse tiroteio, quando acharam, pela manhã, o corpo do vaqueiro assassinado, Ladislau não quis ver, nem se envolver nos preparativos do enterro, pois “tinha quizília àquilo.” (Rosa, 1979: 70) O Houaiss define o substantivo feminino “quizila” como sensação de impaciência, como conflito de interesses, e nos terreiros de ritos bantus designa algum tabu (Cf. Houaiss; Villar, 2009).⁸ Parece-me que o tabu consiste no conflito velado, indiferenciado, de um outro que ameaça o pastoreio de Ladislau, e sua motivação também não manifesta, mas várias vezes aludida pelo capataz, de entregar a boiada em segurança, para favorecer a compra da Gralha. Enquanto encara a investigação do crime como uma questão de favas contadas, o guia desconversa, perguntando a cada vaqueiro se parece a ele que Seo Drães vai comprar a Gralha. Ao perguntar, toca a mão do investigado. Cada um reage a seu modo, e essas reações parecem suficientes a Ladislau, que vai soltando, uma a uma, as oito favas referentes aos oito suspeitos, entre os dez vaqueiros vivos. Antes de pegar as oito favas, primeiro falou com o velho Rigriz, célebre e sensato, de quem não desconfiava. Em seguida, tocou a mão do Amazono, pensando “que raça de outro que fosse”, mas ele não fez caso, e portanto não tinha culpa (Rosa, 1979: 71). Quando pegou oito favas, começou inocentando Liocádio, antes de investigá-lo, e jogou fora sua fava. Apenas veio a tocar a mão de Liocádio, depois que o cão Eu-Meu deu sinal de ter familiaridade com esse vaqueiro.

⁸ O Houaiss ainda dá a etimologia da palavra quizila, que pertence à língua quimbundo, falada em Angola por essa família do tronco bantu, cujos falantes pertenciam a uma antiga cultura de tradição oral culta, e foram trazidos como escravos para o Brasil.

Nesse momento, o método de tocar a mão do outro desencadeou a reação exasperada de Liocádio, em seguida o justicamento por Ladislau, e por fim o veredicto do insuspeito Rigriz sobre a culpa do baleado.

Parece-me que, com o personagem Ladislau, e seu cão Eu-Meu, Guimarães Rosa mostra afinidade e reserva quanto ao parecer de Candido (1983: 243-247; 2002: 186) sobre sua literatura regional-universal afastar a atitude de sujeito e objeto, reincidente na literatura regionalista. Refiro-me às resenhas de Candido (1983; 2002), que se seguiram à publicação de *Sagarana*, louvando a capacidade de seu autor de superar essa atitude, característica do pitoresquismo regionalista, responsável até ali por levar a região ao leitor. Superando essa atitude de objetificação do outro cultural, na apropriação de matérias regionais, ao ver do crítico, o autor construiu algo superior com matéria regional: uma arte de integração total da experiência. A posição de Candido sobre *Sagarana* manteve-se, no ensaio “A literatura e a formação do homem” [1972], quando voltou a essa questão, referindo-se ao modo caricatural com que regionalistas, por vezes, representaram a fala do homem rude, usando uma notação fonográfica, enquanto caprichavam na escrita hiper-formal da fala dos narradores cultos. Ao ver de Candido (2002: 91), Guimarães Rosa sobrepujou essa dualidade, diluindo o homem culto no rústico, integrando-os rumo à superação daquela rusticidade. Parece-me que as reservas de Guimarães Rosa quanto a esse sentido integrador, devem-se ao modelo genealógico pressuposto nele, que a famosa metáfora do galho figura. Procurarei demonstrar que, em *Tutaméia*, Guimarães Rosa parodia essa genealogia, ao propor sua afinidade parcial com outra metáfora arbórea, mais robusta.

Candido enfatizava o resultado integrador dessa construção moderna, que a seu ver superava uma atitude de objetificação do outro cultural, uma atitude de sujeito e objeto, significativa na literatura do regionalismo naturalista, cuja visão empírica a literatura moderna do século XX rejeitava, em favor de operações transfiguradoras. Ao destacar o valor da integração, desfocava coisas como aquilo que Covizzi (1978: 88-102) chamou de excessos de *Tutaméia*, um livro insistente em sublinhar conflitos de pressupostos, atritos de significantes. O valor pacificador da integração, por vezes, articula leituras que partem do mote da viagem, da travessia, lido em chave transcendente, mística, mítica, metafísica, folclórica. Aqui, parto do mote da travessia, buscando o que a escrita de Guimarães Rosa evoca, observando a historicidade de significantes, que me parecem transcendentais, no livro.

Caudilhos do norte, ou do oeste, ou do oriente

Eu-Meu é um cachorro grande, e amarelo. Mantém-se à parte na comitiva, com obstinação pela estrada, e urgência. Não late, ou não se ouve que tenha

latido, nas cenas de conflito armado, e recebe o agrado de Liocádio, cujo nome dá o anagrama “caodilio” (cão + dilio) que, por semelhança sonora, remete ao substantivo do espanhol *caudillo*. A etimologia de “cão” remonta ao latim *catellus, i* diminutivo do latim *catulus*, que designa um cachorro pequeno, um “cadilho” do espanhol arcaico *cadillo*, com datação de 1474 pelo Houaiss, que também dá ao verbete a função de regionalismo nordestino, referente à tigela onde se recolhe o látex das seringueiras (Cf. Houaiss; Villar, 2009). O nome de Liocádio instala um campo semântico, que interliga “cachorro pequeno”, “caudilho”, e por metonímia “seringueiro”. Some-se a isso o fato desse nome funcionar como um anagrama, um recurso retórico que produz sentido alterando a ordem das letras, numa palavra; o que só reforça o sentido do apelido Piorra: substantivo feminino, que significa pião e zorra, desordem de pequena transcendência. O termo “caudilho” tem um histórico de enunciações divergentes, pois depende de que posição o enunciador considere autêntica ou imprópria, familiar ou estranha, de cachorro grande ou cachorro pequeno.⁹ Em “Intruge-se”, o nome de Liocádio evoca o Norte de seringueiros, caudilhos, e cachorro pequeno, sendo esse vaqueiro o antagonista do capataz Ladislau, cujo nome alegoriza a conquista civilizatória do Oriente.

Assim como o nome do guia Ladislau, o nome do condenado também me parece evocar pelo menos duas coisas. Primeiro, o nome do vaqueiro Liocádio, caolho e apelidado Piorra, sugere a relação conflitiva entre seringueiros e caudilhos. Ainda associo o nome de Liocádio ao de um escritor apaixonado pelo Oriente, e assombrado pelas luzes do Ocidente. Trata-se do *western writer* Lafcadio Hearn, um dos maiores intérpretes do Japão, onde se naturalizou com o nome Koizumi Yakumo.¹⁰ Viveu boa parte de sua vida adulta no Japão, escrevendo literatura de viagem e contos, muitos deles fantásticos, góticos e de horror. A literatura orientalista de Lafcadio Hearn, escrita de 1890 a 1904, foi do deslumbramento grandiloquente a denúncias, que pressupõem um esquema avaliativo extraído do famoso ensaio do estadunidense Percival Lowell, *Soul of the far east* [1888]. Lowell mostrava-se, simultaneamente, perplexo, admirado com a exuberância da cultura japonesa, e intrigado com a estagnação da ciência, em uma nação que supunha carente de imaginação. A abordagem evolucionista de Lowell apresentava a

⁹ Veja-se como a posição de Oliveira Viana (Cf. 1930: 123), para quem os caudilhos eram as lideranças regionais de resistência ao projeto getulista, diferia de um uso hoje comum em jornais, que toma o termo “caudilho” pejorativamente, para fazer uma referência indiferenciada a qualquer líder populista latino-americano.

¹⁰ Tomei conhecimento do nome de Lafcadio Hearn conversando com o professor Raul Antelo. Foram muito úteis, na elaboração desse artigo, seus comentários acerca das anotações que compartilhei, no seminário “Bioestéticas: literatura, natureza, capital”, realizado no *XLII Congreso del Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana (IILI)*, na Pontificia Universidad Javeriana, de Bogotá, em junho de 2018.

“impersonalidade”, nas culturas do Oriente, como um traço a ser superado rumo à conquista da individualidade, que as culturas do Ocidente já tinham alcançado; conquista indispensável ao avanço da competitividade, da criatividade, da ciência, etc. O ensaio acusava essa impersonalidade de predispor os orientais a se limitarem ao espírito de imitação, admiravelmente bem sucedido, tanto nas artes como nos projetos de modernização, que regiões mais atrasadas, mais ao oriente, copiam de regiões mais avançadas, mais ao ocidente. O espírito de observação e de imitação daria sintoma da lamentável carência de imaginação e de ciência, que supostamente limitava a cultura japonesa a um estágio evolutivo anterior àquele experimentado em culturas Ocidentais. Esse esquema interpretativo, evolutivo e metafísico, ativa a metáfora solar do ser, definido nessa imagem da plenitude da razão: quanto mais nos aproximarmos do poente, do velho e profundo Ocidente, *far west*, mais plena, autêntica, iluminada, meridional, será a noção da individualidade, da razão humana; do contrário, rumo à aurora, à infância, ao Oriente, essa noção decresce em favor da imitação (Cf. Gonçalves, 2017: 90-93). Assim considerados, *ocidente* e *oriente* assumem funções adjetivas, segundo as quais a extrema beleza da infância humana, do Oriente, atrai o espírito conquistador da civilização, do Ocidente.

Falar em coisas anacrônicas e estagnadas, me faz lembrar de discursos que constituíram a categoria historiográfica regionalismo, nos anos de 1930 e nos de 1940. Rômulo de Paula Andrade (2010: 453-468) estudou o modo muito particular com que Getúlio Vargas usou enunciados constitutivos do regionalismo amazônico, por ocasião de alguns discursos sobre o povoamento do Oeste, quer dizer, do Norte. No final do entreguerras, quando teve início o Estado Novo, Getúlio Vargas lançou o programa *Marcha para o oeste* [1938], que também deu nome ao ensaio de 1940 do colaborador verde-amarelista Cassiano Ricardo. Ambos basearam-se na noção de “oeste”, e no conceito de “fronteira”, desenvolvidos por Turner, em *The frontier in American history* (1893): a fronteira, na aurora da civilização, torna-se um lugar bárbaro à espera de uma conquista épica. O programa propunha o povoamento do “oeste” como providência civilizatória, urgente ante deficiências anteriormente aventadas, por escritores do regionalismo amazônico, como Euclides da Cunha e Alberto Rangel.

Getúlio apropriou-se de pareceres dos escritores regionalistas, julgando anacrônico o pessimismo deles sobre a estagnação da região amazônica, e declarando sua urgência de modernizá-la. Os escritores do regionalismo amazônico tinham constituído os discursos sobre a região: ao mesmo tempo inferno, e paraíso embargado, dada a grandiosidade medonha da natureza, agravada pelo abandono do Estado. Corroborando-os, o programa de Getúlio anunciava-se como a boa nova, que vinha aplacar o pessimismo, manifesto em numerosas denúncias na literatura. Andrade (2010: 453-468)

observa que o regionalismo, e particularmente o *Terra imatura* [1923] de Alfredo Ladislau, forneceu à *Marcha para o Oeste* algumas concepções importantes: a ineficácia da tradicional calúnia ao clima como explicação para o atraso; o abandono dessas regiões “desérticas” pelo Estado; a etnologia das fragilidades e das vantagens da população de caboclos nordestinos, e de sertanejos; uma catalogação de dificuldades naturais, e promessas grandiosas de futuro. O programa *Marcha para o Oeste* conclamava etnias heróicas da literatura regionalista – os sertanejos, os caboclos – a colonizarem os “vazios” amazônicos. Ao dar a coordenada desse vastíssimo território – “oeste”, “vazio” e “distante” –, o programa repunha a indiferenciação característica dos discursos sobre essas regiões.

O caolho Liocádio veio do Norte (Oeste, Oriente), e já portava sinais de desnorteamento, de desordem, quando acabou alvejado por Ladislau. Liocádio: nome de cachorro pequeno, que agrada o cachorro grande do outro, indeterminado e anagramático, desordenador, exótico, caudilho, ou seringueiro, vítima e vitimário, cegado de um olho, inapto a observar com correção, inautêntico, amaneirado. Já Ladislau mantém a ordem, e mantê-la são favas contadas.

Como “Intruge-se” pertence ao grupo de contos, que orbitam a perturbação da ordem alfabética produzida pelas iniciais JGR, pergunto-me que relação o pastoreio de Ladislau tem com o nome de João Guimarães Rosa. Parece-me que se trata de uma metáfora, de uma alegoria da trajetória do autor, que a encarava como uma viagem. Como se sabe, em 1937, Guimarães Rosa usou o pseudônimo Viator, quando inscreveu em um concurso, cujo prêmio não ganhou, o manuscrito *Seção*, que depois transformou em *Sagarana* [1946]. Em *Signo e sentimento*, Suzi Sperber (1982: 103) analisa esses originais de 1937, e informa que Rosa mencionava neles um “outro livro” intitulado *Tutaméia*, supondo tratar-se de sua próxima publicação. Sabemos que só veio a publicá-lo muito depois, em 1967.

Rosa, regional-universal

A matemática não pôde progredir, até que os hindus inventassem o zero.
O DOMADOR DE BALEIAS.

Meu duvidar é da realidade sensível aparente – talvez só um escamoteio das percepções. Porém, procuro cumprir. Deveres de fundamento a vida [...]. Acredito ainda em outras coisas, no boi, por exemplo, mamífero voador, não terrestre. Meu mestre foi, em certo sentido, o Tio Cândido.

Era ele pequeno fazendeiro, suave trabalhador, capiau comum, aninhado em meios-termos, acororado. Mas também parente meu em espírito e misteriosanças. De

fato, aceitava Deus [...]. E a Providência: as forças que regem o mundo, fechando-o em seus limites, segundo Anaximandro. Tinha fé — e uma mangueira. Árvore particular, sua, da gente.[...]

Dizia o que dizia, apontava à árvore. [...] Mais, qualquer manga em si traz, em caroço, o maquinismo de outra [...]. Milhões, bis, tris, lá sei, haja números para o Infinito. [...]

Cândido olhava-a valentemente, visse Deus a nu, vulto. [...] Via os peitos da Esfinge.

Daí, um dia, deu-me incumbência:

- Tem-se de redigir um abreviado de tudo.

“Sobre a escova e a dúvida”, *Tutaméia* [grifos do autor]

Como João Guimarães Rosa manteve por anos a intenção de publicar um livro, que queria intitular *Tutaméia*, pergunto-me o quanto esse longo período de espera pode tê-lo afetado, e se teria alguma relação com o primeiro impacto dessa publicação, em 1967. Parece-me que a primeira recepção crítica foi bastante cauta, considerando-se a posição de Rosa, na história da literatura brasileira, sua função de síntese do melhor do regionalismo às principais conquistas do modernismo, e o lançamento do livro, poucos meses antes da morte do escritor. *Tutaméia* resultou mais ou menos secundário, ante a fortuna crítica incomparável de *Sagarana* e do *Grande sertão: veredas*, justo quando a morte do escritor poderia ter dado ocasião a balanços de sua obra, considerando-se ainda o fato de Rosa ter incluído, nessas *Terceiras histórias*, alguns contos críticos quanto à função de seu nome de autor, como o “Intruge-se”. Em 1970, Lenira Marques Covizzi (1978, p.88-102) defendeu uma dissertação, que resultou n’*O insólito em Guimarães Rosa e Borges* [1978], e nela dedicou um anexo a *Tutaméia*, considerando o livro excessivo, além de uma repetição dispensável de resultados anteriores, e já melhor desenvolvidos. Parece-me que a repetição, em *Tutaméia*, tem valor procedimental; e nos casos dos contos situados na órbita de JGR, essa repetição acontece como paródia do nome canônico do autor.

Como se sabe, seu nome canônico, regional-universal, define um estilo realista, cuja densidade formal transcende limitações da tradição regionalista, como o gosto pelo pitoresco, produzido para exportação, ou para reforçar a suposta superioridade da cultura do “litoral”, termo que não necessariamente diz respeito às regiões costeiras, mas aos primeiros tênues centros urbanos, historicamente desenvolvidos perto do mar, de preferência, e de costas para as regiões do imenso interior, cujas entradas sertão adentro, aprofundaram-se nas margens do rio São Francisco, já no século XVII, onde foi se desenvolvendo uma cultura do pastoreio de gado (Cf. Abreu, 1998: 107, 130-137). A cultura “litorânea” apropriada, conforme suas motivações a cada período, a tradição de se representar a exotividade indiferenciada das figuras

regionais, o que o nome canônico de Rosa superou, constituindo-se como símbolo da integração dos dois Brasis, a partir dos anos de 1940.

Como eu vinha afirmando, na primeira parte desse ensaio, o conto “Intruge-se”, estrategicamente posicionado em *Tutaméia*, como uma metáfora relativa à trajetória do autor, intervém em pressupostos positivistas e deterministas do regionalismo naturalista, particularmente no exotismo legado pela genealogia indo-europeia. Gostaria de destacar o fato de seu nome canônico não funcionar do mesmo modo que um nome próprio.¹¹ Considero também o sabido interesse do escritor pela crítica publicada a respeito de seus livros.¹² Essa divisão entre o nome canônico do autor e seu nome próprio parece-me bastante assinalada em *Tutaméia*, e a observo especialmente no conto “Intruge-se”, que parodia estratégias retóricas usadas na canonização de Rosa. Com Lacan (1998: 807-842), considero o nome uma evocação de certo conjunto de significantes, enunciados por um Outro privilegiado, a quem se atribui a posição de nomear como um pai, que introduz o sujeito nomeado numa rede simbólica determinante dos limites da sua significância, destinando-o a confrontar-se nela. Tendo sido dito em um lugar privilegiado de enunciação, o nome canônico de Rosa o introduziu em uma rede simbólica que constituiu seus limites, e seus excessos.

Os termos que definem o lugar canônico de Rosa foram enunciados pouco depois da publicação do *Sagarana* [1946], por Antonio Candido, em resenhas de jornal. Pode-se dizer que ao nome desse crítico filia-se o do Rosa canônico. Embora definição semelhante já tivesse sido dita antes, também considero o fato do *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* [1945-1957] ter sistematizado as duas vias evolutivas dessa história, uma bifurcação cujos dois lados Rosa acabou unindo.¹³ No trecho do prefácio de *Tutaméia*, citado na epígrafe deste item, parece-me que Guimarães Rosa faz uma alusão paródica ao mestre Candido, ao caracterizar a relação de seu mestre Tio Cândido com uma mangueira.¹⁴ Guimarães Rosa parodia sua familiaridade com a lição do mestre, a quem seu nome canônico se filia. Destaco que, em

¹¹ A propósito da diferenciação entre um nome próprio e um nome de autor, Cf. a conferência de Michel Foucault (2013: 268-302) “O que é um autor?” [1969].

¹² A respeito de conflitos envolvidos no processo de canonização de Rosa, e do interesse do escritor por guardar e fazer anotações nos comentários dos críticos a seu respeito, Cf. o artigo “O autoarquivamento do autor em seus álbuns. Guimarães Rosa e a crítica literária”, de Monica Gama (2014).

¹³ No jornal *Correio da manhã*, Álvaro Lins já tinha publicado, em 12/04/1946, a resenha “Uma grande estreia”, que louvava Rosa por traduzir uma temática regional/nacional numa expressão universal.

¹⁴ A propósito da mangueira de Tio Cândido, como paródia de Antonio Candido, Vélez Escallón (2014: 140-145) mostra no arquivo de Guimarães Rosa alguns documentos de sua recepção, nos anos de 1960, por escritores como Roger Caillois, muito elogioso quanto ao escritor brasileiro. A seu ver, a metáfora da mangueira formula uma crítica ao conceito metafísico de forma, que expõe a constituição cultural das coisas orgânicas, ou da natureza. O articulista ainda vincula o conto “Meu tio, o Iauaretê” à antropofagia oswaldiana.

vez de filiar-se a ele como a um pai, posicionou-o em outro lugar cultural, o do Tio, sugerindo uma filiação não edípica, marcada por certa reserva quanto a esses ensinamentos. A paródia proposta pelo autor desloca o pai de seu nome canônico à posição de Tio, conservando sua função de mestre, de enunciador de lições incontornáveis sobre as replicações de uma mangueira.

Vera Novis (1989: 116) reparou no destaque dado por Guimarães Rosa aos “tios”, em *Tutaméia*. Quanto a Tio Cândido, afirma que depoimentos garantem tratar-se de uma referência a um homônimo de Cordisburgo, a cidade natal do escritor. Novis cita Vilma Guimarães Rosa (2008: 90), que confirma ter sido Mestre Candinho o primeiro professor do pai. Mas aqui, prefiro que esse significante passe ao lado da origem localista do escritor, geograficamente determinada como Cordisburgo, pois o conto enfatiza o deslocamento das coordenadas do Norte-Oriente-sertão, quando evoca certas continuidades retóricas, nas representações letradas sobre as terras de trás do litoral. Associo o nome desse mestre à paternidade candidiana do lugar canônico de Rosa, e pondero a paródia dessa filiação, no personagem Tio Cândido, em suas meditações sobre a mangueira-Esfinge. Essa paródia desloca o pai à função de Tio, comparando mestres homônimos tão diferentes, o que assegura a equivocidade da alusão, ante depoimentos sobre o mestre Candinho de Cordisburgo, mais semelhante ao personagem Tio Cândido. O fato da alusão não operar por similitude, efetuando um deslocamento até mestre Candido, a partir de outro mestre tão diferente, Tio Cândido, permite a Guimarães Rosa, ao mesmo tempo, reconhecer algum tipo de filiação às lições do mestre, e sugerir uma afinidade parcial com aquilo que parodia. Aludindo à metáfora arbórea de Candido, Guimarães Rosa a desloca até o lugar de outro monumento cosmogônico, a mangueira-Esfinge de Tio Cândido.¹⁵

Nesse trecho do prefácio, Guimarães Rosa produz um deslocamento no discurso da genealogia indo-europeia, pressuposto na conhecida metáfora candidiana do galho, quando propõe uma paródia da lição do crítico, sugerindo outra metáfora arbórea, com a qual recusa a fragilidade daquele galho de arbusto. A mangueira-Esfinge de Tio Cândido prolifera novas árvores, todas familiares e monumentais, em seu poder multiplicador. Guimarães Rosa apresenta essa reserva em relação a Candido, e assinala o fato de usarem estratégias diferentes de filiação, pois à herança do pai, prefere outra mais robusta, a do Tio, que é o principal ascendente em uma genealogia matrilinear, evocada pelo autor como artifício, como figura diferencial, contrastiva, em sua estratégia de intervenção em esquemas genealógicos

¹⁵ Refiro-me ao prefácio da primeira edição, do *Formação da literatura brasileira (I)*, escrito a partir de 1945 e publicado em 1957, em que Candido (1997: 9) afirmava: “A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas...”.

constitutivos das representações letradas sobre o sertão. Mesmo preferindo a lição de Tio Cândido, Guimarães Rosa também mostra reservas em relação a ela, pois ao contrário das réplicas da mangueira produzidas pelas sementes, o ficcionista não opera por similitude, quando voa de uma coisa a outra, bem diferente, e as confronta.

Ao aludir equivocadamente à metáfora do galho, Guimarães Rosa inventou um simulacro do crítico, cuja lição consiste na metáfora genealógica da mangueira-Esfinge, da qual deriva a metáfora da manga coração-de-boi, que balança livre no ar. Essa lição pressupõe a filosofia do grego Anaximandro [610 a.C. - 547 a.C.] sobre a eternidade da matéria, cujo princípio indeterminado destina-a ao infinito, rumo ao qual os contrários vão se confrontando. Guimarães Rosa mostra familiaridade com a metafísica de Tio Cândido, e embora mantenha certa reserva a respeito dos meios-termos adotados por ele, afirma que ambos têm afinidade quanto ao dever de duvidar das aparências, tendo em vista o princípio indeterminado da matéria. “*Era ele pequeno fazendeiro, [...] aninhado em meios-termos, acocorado. Mas também parente meu em espírito e misteriosanças.*” (Rosa, 1979: 148). Destaca, na lição do Tio, o resultado de “sempre total ovo e cálculo”, ou seja, que o Tio propõe uma metáfora cosmogônica, e faz uso estratégico dela (Rosa, 1979: 148 e 149). Nesse aspecto, Guimarães Rosa cunha-se por ele, mas mostra reservas no que diz respeito aos meios-termos do mestre, quanto a seus subentendidos conciliatórios, moderadores. Torna a manifestar a mesma reserva quando se contrapõe, empregando uma metáfora exuberante, ao confessar sua crença no boi, “*mamífero voador, não terrestre*” (Rosa, 1979: 148). Recusa a moderação implicada nos subentendidos do mestre, e por contraste adota outro padrão de verossimilhança, quando ante seus modestos ensinamentos sobre a manga coração-de-boi, pendurada na mangueira, ousa crer no boi voador. A mangueira da coração-de-boi e o boi voador pressupõem dois tipos de verossimilhança. No primeiro, a parábola da mangueira tem efeitos modestos de naturalidade, graças ao realismo da metáfora orgânica, e à esperança depositada em um processo de desenvolvimento postergado às infinitas sementes. A lição de Tio Cândido parodia o discurso genealógico, quando desloca a ênfase do tronco para a proliferação das sementes, intervindo criticamente no princípio unitário de discursos de longa fertilidade, plantados pela geração de 1870, sobre a genealogia das civilizações, arqueologicamente remontadas, segundo o esquema dos círculos concêntricos do tronco, em cujo cerne está o Pai indo-europeu. No segundo tipo de verossimilhança, que apela às extravagâncias do não-senso, o autor deriva o “boi voador” da “manga coração-de-boi”, sublinhando a materialidade da escrita da palavra “boi”, quando a torna um fator comum, deslocado de uma expressão a outra. Essa operação arranha a transparência da metafísica, implicada naqueles discursos genealógicos, tornando perceptíveis seus pressupostos, e

promovendo de imediato o convívio dissoluto das matérias em conflito, ou seja, indeterminando desde já, não apenas no infinito, suas limitações de origem, suas determinações.¹⁶

Mais adiante, diz que Tio Cândido contemplava a mangueira, “nas horas de desânimo ou aperto, o tronco duradouramente duro, o verde-escuro quase assustador da frondosa copa, construída. Por entre o lustro agudo das folhas, desde novembro a janeiro pojavam as mangas coração-de-boi, livremente no ar balançando-se.” (Rosa, 1979: 148-149) A paródia mostra duas metáforas alusivas ao “boi” suspenso no ar: de um lado, Tio Cândido acredita na manga coração-de-boi (*mangifera indica*), fruta popular hindu que balança no ar, enquanto pende da mangueira. Tendo se adaptado em todo o mundo, onde haja clima tropical ou subtropical, particularmente no Norte brasileiro tornou-se o símbolo naturalista da aclimação de antigüíssimos ancestrais civilizados, que funcionou como determinante em discursos – como o de Távora, como o do personagem do *Terra imatura*, e como o de Getúlio Vargas – sobre a viabilidade de empreendimentos civilizatórios na região. De outro lado, Guimarães Rosa diz acreditar no boi, mas se refere a um tipo não doméstico, supra-zoológico, de mamífero voador e não terrestre, assim como as baleias do domador interessado no zero, inventado pela matemática hindu, por seu princípio progressivo, multiplicador, conforme seus posicionamentos diferenciais. As permutas das letras, assim como as dos números, periodicamente limitados e expandidos pelo zero, permitem-me dispor combinatórias diversas de significantes, como a família semântica da “mangueira-Esfinge”, ou como a “manga-corção-de-boi” e sua derivação de não-senso, “boi voador”.

A árvore replicante de Tio Cândido parodia o arbusto do jardim das musas, cujo galho transplantado mestre Candido comparou à literatura brasileira. A fragilidade do galho transplantado deve-se ao parentesco distante com seu lugar primordial, o jardim das musas, que se dá apenas em terceiro grau. Esse modelo de filiação arbórea da literatura brasileira, similar ao da árvore genealógica, nas relações familiares edípicas, parece-me deslocado na lição de Tio Cândido, e indeterminado no *Tutaméia* que, ao destacar a ascendência dos tios, evoca padrões matrilineares de familiaridade, conflitantes com os da patrilinearidade indo-europeia. Nesse ponto, parece-

¹⁶ Conforme afirma, nesse prefácio, ter aprendido com o mestre Tio Cândido, Rosa explora o modo de ser indeterminado das matérias, em sua ficção. Alguns ensaios de João Adolfo Hansen (Cf. 2007; 2012) estudaram operações de indeterminação usadas por Rosa, em sua ficção regional, para transcender os padrões de representação realista do regionalismo. Quando procuro descrever essas operações, a propósito do “Intruge-se”, pressuponho várias considerações, que se podem conferir nesses estudos. Como demonstra nesses ensaios, Rosa ora propõe formas de um fundo retórico contínuo, com valor alegórico, metafórico; e ora propõe formas de “fundo poético indefinido”, que o leitor recebe como “intuição sem conceito de algo indeterminado” (Hansen, 2012: 121-123).

me que a sutil evocação de Guimarães Rosa à matrilinearidade, devida ao posicionamento estratégico dos tios no livro, como que modulava a enunciação de um tabu. Como se sabe, na história da literatura brasileira, e particularmente no modernismo, Oswald de Andrade tinha estipulado o Matriarcado Pindorama como horizonte da revolução Caraíba, obra do antropófago. Não sem polêmica, essa meta revertia o esquema genealógico, segundo o qual longínquas esperanças civilizatórias reportam ao antigo Pai indo-europeu. Por motivos diferentes, mas que compartilhavam o repúdio ao desbaratamento oswaldiano desse esquema, o autor da antropofagia brasileira foi considerado inautêntico e destrutivo, por contemporâneos de grande relevância como Alceu Amoroso Lima, e como Graça Aranha (Cf. Faria, 2007; Moraes, 1978: 90-103).

Para pensar o deslocamento do mestre Candido ao mestre Tio Cândido, confronto o modelo do transplante com o modelo da semente.¹⁷ Como se sabe, o transplante de um galho de arbusto, de um solo histórico a outro, da Europa à América, dá resultados modestos. Muito mais robusta, a esfinge indo-americana de Tio Cândido evoca o vigor das mangueiras e a proliferação das sementes. Plantadas em Belém, na primeira década do século XX, lá são conhecidas como árvores clássicas dos antepassados indo-europeus, e mantidas como símbolos da civilização aclimatada nos trópicos. Essas mangueiras centenárias começavam a crescer quando Alfredo Ladislau, no *Terra imatura*, colocou na boca de seus personagens a tese sobre os antiquíssimos conquistadores da Amazônia. Naquele período, vinha se sustentando por várias décadas um grande entusiasmo mundial a respeito da arqueologia da história das civilizações americanas, letradas e antigas, que reclamava para elas a ascendência de antiquíssimas civilizações orientais, especialmente as fenícias.¹⁸ Parece-me que tanto o mestre Tio Cândido como

¹⁷ Importa considerar que essas metáforas orgânicas descuidam diferenças entre as afinidades biológicas e as afinidades entre os fatos sociais, culturais. Por exemplo, as dificuldades de integrar famílias matrilineares e patrilineares, em um processo que implica o recalque da primeira, quando não sua eliminação física.

¹⁸ Embora já não nos lembremos muito dele, o enigma da origem antiga, indo-europeia, das civilizações letradas ameríndias fascinou o mundo e teve lugar na literatura brasileira, até bem avançado o século XX. Talvez o apagamento da questão, nos livros de história da literatura, tenha sido motivado por desdobramentos políticos genocidas dessa reivindicação da origem superior dos indo-europeus, como a voga nos anos de 1930 das teses sobre a pureza ariana. Enquanto imagino o entusiasmo das pessoas, naquele período, pela questão da origem indo-européia das civilizações ameríndias, vou considerando significantes, que orbitam a metáfora da árvore genealógica ameríndia, e os cruza com evocações civilizatórias do nome de São Ladislau, de que trato mais detidamente, no decorrer desse ensaio. Em 1926, José Imbelloni publicou em Buenos Aires o *La esfinge indiana: antiguos y nuevos aspectos del problema de los orígenes americanos*. Encontrei a referência em uma pequena resenha, escrita por G. Elliot Smith (1927: 3-5), disponível na revista *Nature*. Parece-me interessante a referência a essa teoria orientalista sobre a origem antiga e civilizada da América porque, por aqueles mesmos anos, um personagem de Alfredo

o nome de Ladislau, em “Intruge-se”, evocam essa história que saiu do foco da história da literatura brasileira, a da imaginação da arqueologia de uma antiga civilização oriental, fenícia, letrada e antiga, tragada pela natureza implacável do Norte. Desfocada, essa história vinda do Norte formulou discursos que constituíram o regionalismo, atravessaram o modernismo, e continuam tendo transcendência para se pensar a região Sul-Americana, da qual a Amazônia é metonímia. Ela é alegorizada em *Tutaméia* como uma viagem em trânsito, não concluída em 1967, às vésperas da morte de Rosa. No começo dos anos de 1970, como se pode conferir no famoso ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, Candido (Cf. 2003) reiterou o marco inicial modernista (não o zero hindu, mas o princípio da contagem), e comentou o retorno do regionalismo, transfigurado na literatura moderna, em toda a América Latina, referindo-se ao sucesso editorial dos escritores do *boom*. A seu ver, o regionalismo mantinha-se incontornável, porque perduravam as condições do subdesenvolvimento, transcendentemente à dispersão agro-industrial do modelo agro-pastoril, relocado e readaptado nas periferias dos centros. De um lado, mantinha o marco inicial do modernismo dos anos de 1920, a que se seguiram as conquistas estético-políticas da literatura moderna. Do outro, a continuidade de constrições políticas, que mantém os velhos dilemas do regionalismo.

A pouco, mencionei rapidamente o fato de Antonio Candido ter dado enorme destaque ao livro de estreia de Guimarães Rosa, em suas “Notas de crítica literária – Sagarana”, publicadas no *Diário de São Paulo*, em 11/07/1946. Nelas, afirmava tratar-se de contos que retomavam o melhor do regionalismo do centro – o das matérias populares disciplinadas nos valores clássicos, o mais atento ao aspecto formal –, mantendo certo sabor regional ao atingir a “região da arte”, cuja densidade beira o irreal (Candido, 2002: 185-186). Poucos dias depois de publicar o “Notas de crítica literária - Sagarana”, Candido (1983: 243-247) reafirmou essa apreciação, quando dedicou ao livro outro texto de crítica, que intitulou “Sagarana”, publicado n’*O Jornal do Rio*

Ladislau especulava, no *Terra imatura*, sobre as origens fenícias de antiquíssimos conquistadores amazônicos. Acrescem a isso, as questões colocadas pela tese de Johnni Langer (2001: 31-38), *Ruínas e mitos: a arqueologia no Brasil Imperial*. O estudo de Langer aborda a curiosidade que produziram objetos arqueológicos fenícios, encontrados na América (ao final, considerados fraudulentos por inspeções científicas alemãs), desencadeando uma verdadeira febre em leitores de todo mundo, especialmente na segunda metade do século XIX e na primeira do XX. Langer ainda conta que entre 1873 e 1874, com aval do IHGB, muitas revistas publicaram pesquisas epigráficas do fazendeiro Ladislau Neto, que tinha conhecimentos de hebraico, assim como o Imperador, e quase mais ninguém por aqui. Essas pesquisas versavam sobre uma pedra com inscrições fenícias, encontrada por Ladislau Neto na Paraíba (Cf. Langer, 2001: 35). Por aqueles anos, o New York Times também publicou artigos que noticiavam a presença de exploradores semitas, fenícios, na América pré-cabralina. Os antepassados fenícios, a quem se atribuía a vinculação mais antiga da escrita a uma complexa organização social por instituições formais, legitimavam o mito da ascendência oriental da América antiga e letrada.

de Janeiro, em 21/07/ 1946. Dessa vez, chegou a afirmar que a obra do “Dr. Guimarães Rosa” já nascia universal, superando o problema do regionalismo e o do nacionalismo, cujas tendências particularistas, exóticas e pitorescas, transcendeu pela graça de um “movimento interior” especial nas narrações (Candido, 1983: 243-247).

Repito aqui essas conhecidas definições de Antonio Candido, não apenas pelo fato de terem se tornado pressupostos predominantes na crítica de Rosa, como também para assinalar que *Sagarana*, a seu ver, integrava à literatura universal o melhor da literatura brasileira regional, clássica e do centro, adotando também a graça do movimento interior, parecendo referir-se a técnicas também presentes na literatura dita “intimista” dos anos de 1930, cujo aproveitamento dos ganhos da libertação modernista Candido postulava. Guimarães Rosa acabou significando uma síntese da literatura regional, mais equilibrada/clássica do centro, com técnicas avançadas de autores modernos do século XX, que aproveitaram os ganhos da libertação modernista, desde seu marco inicial na Semana de 1922. O regional-universal, posterior ao modernismo, radica-se em conquistas estético-políticas, especialmente destacadas em escritores do centro-sul.¹⁹ No modo canônico

¹⁹ Décadas depois da estreia do Rosa canônico com *Sagarana*, no ensaio “A nova narrativa” [1979], Candido veio a fazer uma retrospectiva da literatura latino-americana, escrita a partir dos anos de 1930 até os de 1970. Nesse percurso, dava destaque a Guimarães Rosa a quem definia como a “síntese final das obsessões constitutivas da nossa ficção, até ali dissociadas: [de um lado] a sede do particular como justificativa e como identificação; [do outro lado] o desejo do geral como aspiração ao mundo dos valores inteligíveis à comunidade dos homens.” (Candido, 2003: 208) [chaves minhas] A periodização de Candido (2003: 204-205) constituiu uma narrativa nova/moderna, iniciada nos anos de 1930, como certa renovação formal, que produziu um ponto de inflexão naquelas velhas obsessões, redirecionando seu impacto para a continuidade de um novo dilema, sobrevivente à síntese de Guimarães Rosa. A seu ver, depois dos anos de 1930, essa renovação conduziu a uma nova divisão estético-política, entre escritores que negam, e outros que confirmam a conquista, de liberdade e de renovação formal, realizada no modernismo dos anos de 1920, por autores como Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Ou seja, Candido definiu a superação moderna da velha divisão, entre ficções narrativas do Norte e do Sul, por uma nova divisão: a dos que afirmam e a dos que negam as conquistas estético-políticas do modernismo. O segundo modo de dividir pressupõe a integração moderna dos pólos abertos pelo prefácio regionalista de Távora; integração mediada pela literatura do centro-sul, e canonizada em Guimarães Rosa. Hoje canônicas, as periodizações definidas por Candido, naquele momento, estão discutidas e desdobradas, no *Uma história do romance de 30* [2006]. Luís Bueno (2006: 23) estudou algumas das polarizações que se repetiam, nas apreciações de escritores e críticos, nos entornos dos anos de 1930. Em um pólo, os críticos naquele momento agrupavam questões de justiça social, regionalistas, muitas vezes do “Norte”; e no outro pólo, separavam os romances voltados para costumes de urbanidades mais associadas ao “Sul”, focados na psicologia ou na interioridade dos personagens. A seu ver, escritores do centro – como Cornélio Penna, Cyro dos Anjos e Guimarães Rosa - foram oferecendo uma espécie de ponto de equilíbrio, entre esses pólos. No romance de 1930, a última parte do estudo de Bueno seleciona, para uma análise sincrônica, alguns autores que extrapolaram essas polaridades usadas pela crítica, naquele momento, e valoriza nos romances selecionados um novo grau de elaboração estética e política de protagonistas e de narradores, com perfis sociais mais modestos ou mesmo marginalizados,

de dividir a história da literatura brasileira, a literatura nova veio do modernismo dos anos de 1920, sendo que a qualidade integradora de Guimarães Rosa foi precedida por ficções narrativas de escritores modernos, destacadamente alguns do centro-sul, ao que acrescentou a síntese modernizadora do melhor regionalismo do centro, clássico.²⁰

Como disse a pouco, o fato de Candido ter considerado os dilemas do velho regionalismo superados, por uma ficção narrativa nova, não significava que tivessem desaparecido suas condições de possibilidade: as do subdesenvolvimento do país. É o que afirmou, no começo dos anos de 1970, quando se referiu à transfiguração da tendência regionalista, na literatura moderna da América Latina, realizada por autores como Guimarães Rosa,

especialmente afetados pelas tensões e crises políticas em curso, naqueles anos. O estudo que Bueno (2006: 25) faz daquele período reforça a noção, prefigurada por Candido, de que Rosa acabou realizando com excelência uma fusão dessas tendências polarizadas, o que já vinha sendo experimentado em certa medida, nos anos de 1930, por escritores considerados “intimistas” como Cornélio Penna, Cyro dos Anjos, e Dyonélio Machado, embora isso tenha sido desfocado naquele momento, pelos críticos. Com Alfredo Bosi, no *História concisa da literatura brasileira*, Bueno (2006: 38) afirma que “as obras mais bem sucedidas do período ficam deslocadas – e Candido [no ensaio ‘A revolução de 1930 e a cultura’] menciona os casos fundamentais de *Os Ratos* e *O amanuense Belmiro*”. Para os três críticos, o valor formal, estético, alcançado por esses ficcionistas, escapava a esse tipo de polarização, ao que a primeira recepção crítica não atentou, porque mantinha a chave polarizadora, quando colocava em primeiro plano os assuntos, fossem os “problemas” sociais das regiões atrasadas, ou questões espirituais/psicológicas incorporadas à representação dos ambientes mais modernizados (Cf. Bueno, 2006: 37-38). Nessa periodização canônica, a melhor ficção narrativa, posterior a 1930, com destaque para Guimarães Rosa, superou os padrões críticos polarizadores, ultrapassou a indiferenciação de sujeito a objeto, ou como se pode dizer hoje, recusou a apropriação/indiferenciação do outro cultural. Nos estudos sincrônicos, da última parte do livro de Bueno, predominam ficções do centro-sul, com a exceção de Graciliano Ramos, e a ficção dos mineiros do centro tem um sentido integrador, que depois veio a se consolidar em Guimarães Rosa.

²⁰ Parece-me que esses discursos, sobre as tendências clássicas e integradoras do centro do país, simultaneamente pastoril e modernizado (inserido na economia de mercado do capitalismo internacional), podem ter obtido respaldo em particularidades como as estudadas pela tese *Do pastoreio à pecuária: a invenção da modernização rural nos sertões do Brasil central*. Nela, Medrado (2013) explora a história do processo de adaptação do zebu (*taurus indicus*), nas regiões do centro agro-pastoril, onde a predominância de condições geográficas favoráveis ao pastoreio extensivo desse boi acabou possibilitando seu alastramento. O êxito da produção de zebus foi inesperado, por vários motivos, que a tese demonstra. Os ingleses difamavam a qualidade da carne dos zebus, referindo-se a esse animal como uma espécie zoológica, não domesticada, exótica, e associando-o a realidade colonial indiana. A surpreendente e lucrativa adaptação desse boi se deu no primeiro pós-guerra, e venceu uma considerável articulação de forças (Medrado, 2013: 179-189). A Inglaterra tinha estimulado uma ampla demanda internacional, por carne vermelha, divulgando discursos que a associavam à força muscular dos soldados. Em São Paulo e no Rio Grande do Sul, concentravam-se produtores de carne bovina, adeptos do que passaram a exaltar como o modelo inglês da indústria pecuária intensiva, enquanto também fomentavam estratégias discursivas depreciativas, quanto ao modelo indiano do pastoreio extensivo. A tese considera ainda que houve grande investimento governamental, na indústria da pecuária intensiva, de raças puras europeias, que a tecnologia da zootecnia inglesa viabilizava, apesar das dificuldades climáticas.

que explodiu o naturalismo, cuja visão empírica, por vezes, mostrou-se leviana na observação das aparências, embora fosse autorizada por discursos científicos da época (Candido, 2003: 161-162). Candido atribuiu esse tipo de visão empírica ao regionalismo, cuja consciência nacional, equivocada e impositiva, os críticos vinham denunciando, enquanto os escritores a afastavam como pecha. A seu ver, essa explosão do naturalismo se deveu ao refinamento de escritores universais que, como Guimarães Rosa, nem sempre afastaram a matéria regional, logrando transfigurá-la em um tipo de realismo superior (tanto em consciência política, como em técnica narrativa) ao da tradição nativista, e aos exotismos naturalistas. O nome canônico de Rosa inclui e supera toda a chamada literatura regionalista, com suas representações naturalistas. Regional e universal, Rosa assinou representações artísticas, ao mesmo tempo, modernas e focadas nas regiões mais arcaicas do país, as do sertão. Essa síntese simbólica de dois mundos, historicamente separados, também viabilizou a integração da literatura brasileira à literatura universal. O valor dessa capacidade integrativa, em nível nacional e mundial, tornou o nome de Rosa modelar, na história da literatura brasileira.

Outra relação de parentesco

Quanto ao nome regional-universal de Rosa, e sua posição na história da literatura brasileira, como se sabe, essas coisas remontam a enunciados de Antonio Candido. Gostaria de sugerir a suspensão do modelo edípico da árvore genealógica, ainda frágil no regionalismo, mas já florescente no regional-universalismo, pois me parece que esse gesto de suspensão está implicado, como metáfora crítica, na matrilinearidade recessiva do protagonista do conto “Intruge-se”, que assume a função significativa de capataz de Seo Drães e, segundo me parece, a de seu tio paterno. Ao destacar certas funções sociais dos tios, em *Tutaméia*, Guimarães Rosa sugere o modelo matrilinear, e o usa como paródia do modelo patrilinear indoeuropeu, pressuposto na história da literatura brasileira. No conto “Intruge-se”, o protagonista Ladislau tem sua função de tio, discretamente enunciada pelo narrador, combinada à de capataz sujeito a Seo Drães. Trata-se de uma metáfora crítica do regionalismo amazônico, definido como origem vazia, não determinante, à qual reporta a trajetória do autor.

O conto “Intruge-se” parece-me parodiar um dos dois principais caminhos da história da literatura brasileira, o regional, unido por Guimarães Rosa à outra via basilar, a do universal. Particularmente, remete ao regionalismo amazônico que, nas primeiras décadas do século XX, atraía um enorme interesse internacional, talvez vinculado à importância estratégica dessa parte fundamental da região sul-americana no continente, embora isso tenha sido desfocado, na história da literatura brasileira.

No conto, os membros da comitiva até mantêm um comportamento cordato, mas a integração do grupo não chega a convencer, enquanto a investigação do assassinato vai dando pistas de como se dão as relações e os conflitos latentes. Parece-me que a resolução do conflito no final resulta ambivalente, e que alguns detalhes nele desencorajam qualquer suposição de consenso. Procurarei demonstrar algo que está em consonância com esse desenlace ambivalente, tão hábil em desfocar conflitos como a rede de relações simbólicas, aberta pelo nome do capataz Ladislau. Encarregado de garantir o sucesso da viagem, e de resolver o caso de assassinato de um dos membros da comitiva, Ladislau preocupa-se quanto a seu lugar de tio, e de capataz a quem Seo Drães confiou um rebanho, cuja entrega segura favorecerá uma possível compra da fazenda da Gralha. “Ele, capataz, ia mesquinhar-se, vinha de tio. Esquecera alguma manha?” (ROSA, 1979: 72) Ao relacionar o nome de Ladislau ao nome canônico de Rosa, considerando também o modo como esses nomes funcionam, em partes de *Tutaméia* que definem o livro e o nome do autor, acabei traçando outra rede de relações simbólicas, paródica à do nome edípico de Rosa.

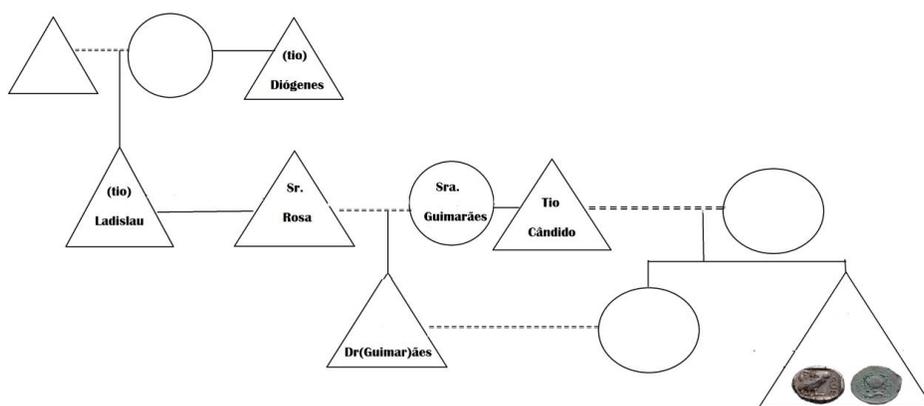


Figura 3. Gráfico das relações de parentesco de Seo Drães.²¹

No gráfico desse esquema matrilinear, o tio materno ocupa o lugar mais privilegiado na linhagem, e o sobrinho tem nele seu sogro preferencial. O sobrinho estabelece uma aliança entre as famílias, por meio de uma relação de afinidades e de reservas (tabus) com o tio materno. De preferência, torna-se o genro do tio materno, o que equivale a admitir que sua prole, sua criação, venha a ser cunhada, marcada, pelos valores clássicos da linhagem do futuro

²¹ Quanto ao parentesco do capataz Ladislau com tio Diógenes, o delegado do conto “O outro ou o outro”, é uma sugestão de Vera Novis (1989: 33), que os associa ao século IV a.C., aos ensinamentos do filósofo grego Diógenes, escritos em anedotas do historiador romano Diógenes Laércio, entre os anos de 200 a.C. e 500 a.C.

tio. O emblema da coruja e o do caranguejo figuram em moedinhas que datam do período clássico grego. Napoleon Potyguara Lazzarotto os desenhou em uma espécie de moeda, cujas faces alternam-se sem periodicidade sistemática, ao final de algumas das narrativas de *Tutaméia*. Quando termina o conto “Intruge-se”, o desenho da moeda mostra o emblema da coruja de Atena, símbolo ocidental do conhecimento, da perspicácia, e de intrujir no sentido de compreender.

Imagino essa linhagem do nome de JGR, a partir de uma relação de significantes que desenhei nesse gráfico, todos vinculados ao conceito do livro. Em especial, dispus esses significantes no gráfico acima observando as relações de subordinação do capataz tio Ladislau a seu Patrão Drães, e a um detalhe biográfico curioso sobre o nome do escritor. Nesse gráfico, uso uma simbologia – de triângulos e círculos, hoje considerada anacrônica para representar relações de parentesco – que emergiu como certa concessão ao naturalismo, em estudos antropológicos de famílias biológicas. Considerando essa concessão perigosa, Lévi-Strauss (1975: 45-70) questionou o estatuto natural da família, sublinhando seu caráter de fato social, no estudo republicado em *Antropologia estrutural*, intitulado “A análise estrutural em lingüística e em antropologia” [1945].²² Lévi-Strauss (1975: 69) assinalou a introdução, pela fonologia, de conceitos como o de significante, muito úteis para a antropologia, a sociologia, e outras áreas, pensarem o tema das relações de parentesco, um tema clássico da antropologia indígena mundial. Pressupondo a emergência decisiva do pensamento simbólico, favorecida pela lingüística e pelas análises do inconsciente, Lévi-Strauss (1975: 65-66) considerou o sistema de parentesco uma linguagem não universal, resultante de relações entre quatro termos fundamentais – irmão, irmã, pai, filho –, e estruturadas por um verdadeiro “átomo do parentesco”, o tio.

Na linhagem de JGR, representada no gráfico acima, o tio materno ocupa um lugar privilegiado como Outro determinante, quanto ao tipo de posicionamentos que o sobrinho assume, nas relações familiares. O tio materno, portanto, tem um papel determinante quanto aos limites iniciais das sucessivas posturas cabíveis a esse sujeito, destinando-o a confrontar-se em versões da rede simbólica familiar, rede que também funciona como parte metonímica de relações simbólicas extrafamiliares (quando o sujeito busque conservá-las/replicá-las, confrontando-se em relações simbólicas alienadas/castradas, com riscos de neurose; ou então, mesmo quando o sujeito confronte-se na experiência de gozo da vontade de um outro não familiar, confrontando-se assim entre os limites da neurotização pelo familiar e os limites de uma postura amorosa).

²² Escrito em língua francesa, esse estudo de Lévi-Strauss foi originalmente publicado, no mês de agosto de 1945, no *Word, Journal of the linguistic circle of New York*, vol. I, núm. 2.

Apresentei um esquema gráfico de tipos de relações de parentesco, que imagino entre nomes distribuídos em narrativas definidoras do grupo desordenador JGR, e do conceito do livro. Além do índice, parece-me que o autor destaca o conceito do livro assinalado em paratextos como as ilustrações, os prefácios, o conto de abertura e o conto final, etc. Em momentos oportunos, fui me referindo a essas marcas. Procurei destacar algumas dessas relações, estudando o conto “Intruge-se” e nomes como os que distribuí no esquema gráfico da linhagem de JGR, que parodia o lugar canônico do nome de Rosa.

O nome da mãe, a irmã do Tio

Vilma Guimarães Rosa (2008: 89), na biografia que fez do pai, conta que a mãe de Guimarães Rosa chamava-se Francisca Lima Guimarães, mais conhecida como Chiquitinha. Neste ensaio, estudei uma relação de parentesco não edípica, que imaginei a partir de coisas que incluem uma anedota sobre o nome do escritor, filho de Seo Floduardo Pinto Rosa, familiarmente tratado como Fulô. Chamo a atenção para uma cultura de se cunhar apelidos, de um tipo diferente de atribuição de nome “próprio”, que marca um pertencimento diverso do parental, e que porta uma avaliação socialmente significativa.

Um detalhe biográfico curioso é que, segundo Vilma Guimarães Rosa (2008: 395), quando Dr. Guimarães Rosa nasceu, em 1908, o pai dele, o senhor Florduardo Rosa, fazia questão de batizar a criança com o nome do santo do dia, São Ladislau. Mas prevaleceu a vontade da mãe, a senhora Francisca Guimarães, e o menino ficou se chamando João, em homenagem a São João, embora a data de homenagem a esse santo já tivesse passado há três dias. Na imaginação pública da Primeira República, o nome do santo podia facilmente associar-se aos freqüentes conflitos, desenrolados nos processos de delimitação das fronteiras regionais, a começar pelas dificuldades que as questões fundiárias criavam aos Estados, cujo dever – já previsto na Constituição de 1891 – de fortalecimento da autonomia exigia a ampliação e o adensamento da malha de municípios. São Ladislau foi canonizado, após suas conquistas na Região Oriental, que também acabou dando nome à região onde João Guimarães Rosa nasceu e cresceu.²³

²³ A Região Oriental figurou no mapa do Brasil até os anos de 1940 alavancarem sucessivas atualizações das fronteiras regionais e reconfigurações territoriais internas. Destaco que a cartografia de Minas Gerais, a partir dos anos de 1940, foi mudando periodicamente, com a tendência de posicionar o estado no centro-sul, afastando-o das retóricas sobre o Oriente, redirecionadas ao Norte, como se pode conferir nos mapas, disponíveis no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.



Figura 4. Divisão Territorial Brasileira.²⁴
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2002.

O rei canonizado Ladislau I, São Ladislau, no século XI estabeleceu o Império Cristão na Hungria; uma “conquista” decisiva na definição de conflitos étnicos e de disputas milenares. Além disso, esse território deu lugar ao estopim da Primeira Guerra mundial, e faz fronteira com a região da Península dos Balcãs, por onde os refugiados do Oriente Médio entram na Europa. No conto “Intruge-se”, o capataz Ladislau assenta a comitiva, no pasto fechado do Provedio, nome que na língua búlgara, falada em seis comunidades da Península Balcânica, significa “providência”, sendo também um território de conflitos milenares, abertos ou latentes. A evocação desse nome de santo de folhinha, de calendário, funciona como metáfora monumental da ordem cristã, que remonta à história do Império Romano, da Europa, do Ocidente. Por sua vez, o território europeu, húngaro, que há séculos Ladislau conquistou, na fronteira com os Balcãs, remonta à história do começo da emergência dos estados-nação europeus, nos anos de 1870, concomitante com as lutas das nacionalidades balcânicas por independência política, sendo esse o contexto de surgimento da questão das origens dos povos europeus, de suas etnias, línguas, tradições, e por contraste, quando também elaboraram suas teorias das origens orientalistas (Cf. Matos: 2002, 217).

São Ladislau e Alfredo Ladislau evocam dois graus de um nome, ambos relativos à territorialização, e às estratégias retóricas constitutivas dos estados-

²⁴ Esse mapa, e os que se seguiram a ele, estão disponíveis no endereço http://www.ipeadata.gov.br/doc/divisaoterritorialbrasileira_ibge.pdf

nação, que dividiram o mundo em duas partes. São Ladislau fundou um limite do extremo Ocidente, e Alfredo Ladislau apresenta em *Terra imatura*, na boca do personagem Aiúna, a tese dos antepassados clássicos, dos antigüísimos conquistadores fenícios da região amazônica. No caso do escritor radicado no Pará, parece-me que retóricas sobre a conquista do Oriente, extensivas ao Norte brasileiro, presentes na imaginação pública, no século XIX e no XX, marcavam o nome de Alfredo Ladislau e, anos depois, a vontade manifesta pelo pai de João Guimarães Rosa, quando ao nascer o filho pretendeu homenagear o santo do calendário. O nome do santo coincide com o nome reivindicado pelo pai de Rosa, sendo um outro nome, substituído, apesar de apropriado às convenções familiares. Curioso também que quando Guimarães Rosa veio a nascer, como escritor canônico, nos anos de 1940, sua região oriental perdia esse nome e passava a ter seu território sucessivamente renomeado, o que parece fazer do Oriente, na experiência do escritor, um espaço de perda de nomes, ou de proliferação deles.

Desterro, novembro de 2021

Bibliografia

- ABREU, CAPISTRANO DE. *Capítulos de história colonial: 1500-1800*. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.
- ANDRADE, ANA MARIA BERNARDES DE. *A velhacaria nos paratextos de Tutaméia: terceiras estórias*. (Mestrado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 2004.
- ANDRADE, RÔMULO DE PAULA. “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941)”, *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Ciências Humanas*, Belém, vol. 5, núm. 2, maio-ago. 2010, 453-468.
- ANTELO, RAÚL. “Territorio no es objeto”, *Recial*, Córdoba, núm. 12, ano 8, nov.2017, pp.:1-13.
- ARANHA, GRAÇA. “O espírito moderno”, *O espírito moderno*. São Paulo: Cia Graphico – Editora Monteiro Lobato, 1925, pp.: 23-47.
- BOSI, ALFREDO. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BUENO, LUÍS. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

- CANDIDO, ANTONIO. “Literatura e subdesenvolvimento”, *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003, 140-162.
- . “Notas de crítica literária – Sagarana”, *Textos de Intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002, 183-189.
- . “A nova narrativa”, *A educação pela noite & Outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2003, 199-215.
- . “Sagarana”, en Coutinho, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. Brasília: Instituto Nacional do Livro; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, 243-247. (Fortuna Crítica. Vol.6).
- . *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos* (Vol. I). Belo Horizonte: Itatiaia, 1997
- COELHO, MARINILCE OLIVEIRA. *Memórias literárias de Belém do Para: o grupo dos novos, 1946-1952*. Tese (Doutorado em História Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2003.
- COUTINHO, AFRÂNIO. *A literatura no Brasil* (IV). Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- COVIZZI, LENIRA MARQUES. “Prefácios travestidos: estudo sobre as funções dos prefácios de *Tutaméia: Terceiras Estórias*”, en *O insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Ática, 1978, 88-102.
- FARIA, DANIEL. “As meditações americanas de Keyserling: um cosmopolitismo nas incertezas do tempo”, *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 29, num. 51, set/dez 2013, pp.: 905-923.
- . “Realidade e consciência nacional. O sentido político do modernismo”, *História*, São Paulo, vol. 26, 2007, pp.: 385-405.
- FOUCAULT, MICHEL. “O que é um autor?”, en *Ditos e escritos (v.III). Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, pp.: 268-302.
- GAMA, MONICA. “O autoarquivamento do autor em seus álbuns. Guimarães Rosa e a crítica literária”, *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, núm.12, jun. 2014, pp.: 135-149.
- GONÇALVES, EDELSON GERALDO. *Sob um olhar estrangeiro: a modernização do Japão nos escritos de Lafcadio Hearn (1890-1904)*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações políticas, Ufes, Vitória, 2017.
- HANSEN, JOÃO ADOLFO. “Forma literária e crítica da lógica racionalista em Guimarães Rosa”, *Letras de Hoje*, vol.47, núm. 2, abr./jun. 2012, pp.: 120-130.
- . “Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa”, en Sechin, Antonio Carlos et al. (Orgs.), *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, pp.: 29-49.
- HARDMAN, FRANCISCO FOOT. “A Amazônia como voragem da história: impasses de uma representação literária”, *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, núm. 29. Brasília, jan.-jun. 2007, pp.: 141-152.

- . “Espectros de la nación: Figuras desplazadas entre ‘saudades’ y soledades”, *Remate de males*, vol. 22, São Paulo, Unicamp, 2002, pp.: 77-98.
- HOUAISS, ANTÔNIO; VILLAR, MAURO. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2009, CD-ROM.
- IMBELLONI, JOSÉ. “La esfinge indiana: antiguos y nuevos aspectos del problema de los orígenes americanos”, *Nature*, resenha de G. Elliot Smith, 119, 1927. pp.: 3-5. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/119003a0>
- LACAN, JACQUES. “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, em *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, pp.: 807-842. (Campo freudiano no Brasil)
- LANGER, JOHNNI. *Ruínas e mito: a arqueologia no Brasil império*. Tese de doutorado em História. Curitiba: UFPR, 2001.
- LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. “A análise estrutural em lingüística e em antropologia”, em *Antropologia estrutural*. Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, pp.: 45-70. (Biblioteca Tempo Universitário 7)
- LINS, ALVARO. “Uma grande estreia”, em Coutinho, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. Brasília: Instituto Nacional do Livro; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, 237-242. (Fortuna Crítica. Vol. 6).
- MATOS, SÉRGIO CAMPOS. “Oriente e orientalismo em Portugal no século XIX: o caso de Oliveira Martins”, *Cadmo*, Lisboa, núm. 12, 2002, pp.: 211-224.
- MBEMBE, ACHILLE. “O tempo que se move”, *Cadernos de Campo*, tradução de Michelle Cirne, São Paulo, núm. 24, 2015, pp.: 369-397.
- MEDRADO, JOANA. *Do pastoreio à pecuária: a invenção da modernização rural nos sertões do Brasil central*. (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, UFF, 2013.
- MORAES, EDUARDO JARDIM DE. *A brasilidade modernista: sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- NOVIS, VERA. *Tutaméia: engenho e arte*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- PAES, JOSÉ PAULO. “Canaã: o horizonte racial”. *Estudos avançados*, vol.5, núm. 13, pp.: 161-179, 1991.
- PEREIRA, ANA LEONOR. *Darwin em Portugal. Filosofia, história, engenharia social 1865-1914*. Coimbra: Livraria Almedina, 2001, pp.: 229-284.
- PERRONE, CHARLES A. “A terceira margem do diabo: a recepção norte-americana da obra de João Guimarães Rosa”, *Itinerários*, Araraquara, núm.21, 2003, pp.: 89-98.
- PISETTA, LENITA MARIA RIMOLI. “O lado menos conhecido da história da primeira tradução de *Grande sertão: veredas* para o inglês”, *Trabalhos em Linguística Aplicada*, vol. 59, núm. 2, 2020, pp.:1288-1309.
- ROSA, JOÃO GUIMARÃES. *Tutaméia: terceiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

- . *Intruge-se*. Datiloscrito/Manuscrito, 1966, Museu Guimarães Rosa, Coleção William Agel de Mello, Código de inventário MCGR 009/0295.
- ROSA, VILMA GUIMARÃES. *Relembraamentos*. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.
- ROWLAND, CLARA. *A forma do meio: livro e narração na obra de João Guimarães Rosa*. Campinas: Editora da Unicamp; Editora da Universidade de São Paulo, 2011.
- SPERBER, SUZI FRANKL. “Tutaméia”, en *Signo e Sentimento*. São Paulo: Ática, 1982, pp.: 103-110.
- . *Caos e cosmos*. Leituras de Guimarães Rosa. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- TÁVORA, FRANKLIN. *O Cabeleira*. São Paulo: Ática, 1988.
- . *Cartas a Cincinnato: estudos críticos de Semprônio sobre O Gaúcho e Iracema*. Pernambuco: J.W. de Medeiros, 1872.
- VALLERIUS, DENISE MALLMANN. “Regionalismo e crítica: uma relação conturbada”, *Antares*, núm. jan/jun. 2010, pp.: 63-80.
- VÉLEZ ESCALLÓN, BAIRON OSWALDO. “Meu tio o Yavaratê” — à margem da estória, *Literatura: teoría, historia, crítica*, vol. 16, núm. 1, enero-junio, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2014, pp.: 131-164.
- VIANA, OLIVEIRA. *Problemas de política objetiva*. São Paulo: Nacional, 1930.